

GÁS A R\$ 150

Enquanto outras nações tentam reduzir o impacto da Guerra na Ucrânia na vida cotidiana, a Petrobrás com Bolsonaro atua para piorar a vida do povo



Arte: Nathalie Nascimento

focus
BRASIL

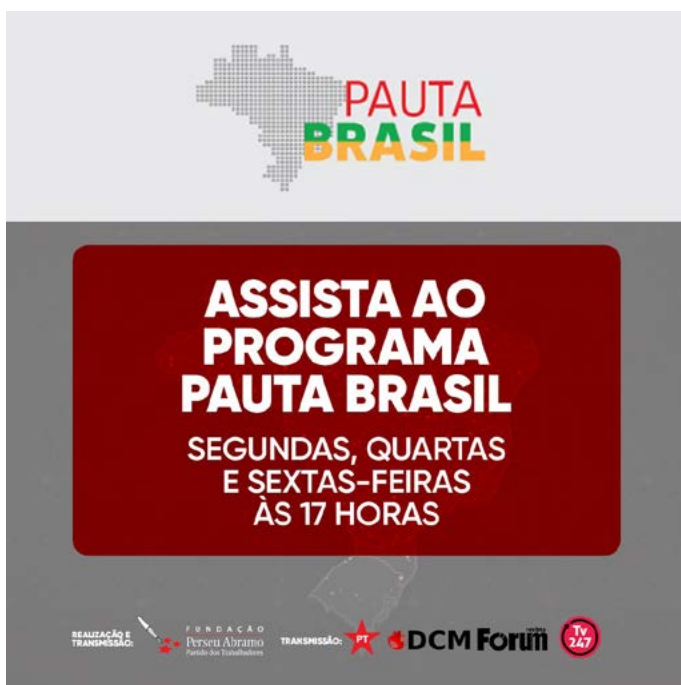
Fundação Perseu Abramo 21 de Março de 2022 Nº 50

Beluzzo: Com Bolsonaro, o Brasil não tem futuro

Orçamento da saúde estrangulado pelo governo

Esquerda lidera disputa pela Presidência da Colômbia

Série sobre Celso Daniel enterra tese de crime político



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

BOLSONARO MAIS UMA VEZ SE SUPERA: BOTIJÃO DE GÁS DE COZINHA VAI A R\$ 160

O presidente faz críticas à direção da Petrobrás, ameaça trocar a direção da estatal, mas é tudo faz-de-conta. Preços de combustíveis explodem e o povo brasileiro é quem paga a conta da irresponsabilidade do Planalto.

Página 12



Preço médio do gás chega a R\$ 150 e revendedores parcelam botijão em SP

Na quinta (10/3), além do gás de cozinha, a Petrobras também anunciou alta de 18,8% na gasolina e 24,9% no óleo diesel, o que provocou filas em postos de combustíveis de todo o país

Preço do botijão de gás no DF pode chegar a R\$ 150, diz sindicato

EDITORIAL. Lula é a esperança de novos dias para o povo brasileiro

Páginas 4 e 5

ENTREVISTA. Belluzzo diz que país precisa colocar o povo no centro da economia

Página 6

PIB. Equipe econômica já admite que economia vai ficar em 1,5% em 2022

Página 14

ELETROBRÁS. PT aciona o TCU e a CVM para denunciar privatização

Página 15

OPINIÃO. A Petrobrás é estratégica para o desenvolvimento nacional

Página 16

ORÇAMENTO. Governo sangra o SUS ao retirar recursos para o superávit

Página 17

POLÍTICA. Arthur Lira refaz golpe ao apostar no velho parlamentarismo contra Lula

Página 20

MULHER. Regina Souza assume o governo do Piauí e faz mais uma vez história

Página 21

REQUIÃO. Ex-governador do Paraná se filia ao PT e está na disputa pelo estado

Página 21

ELEIÇÕES. O petismo mostra sua força política no Sudeste e Nordeste

Página 22

EDUCAÇÃO. Iniciativas no Piauí, Araraquara e do MST mostram volta às aulas

Página 23

NATAL. Vem aí a Conferência Nacional Popular de Educação

Página 27

ECONOMIA. O PT salvou o Brasil ao manter a inflação sob controle

Página 28

COLÔMBIA. A esquerda lidera a disputa pela Presidência da República

Página 32

CULTURA. As cantoras trans quebram barreiras e fazem história na MPB

Página 34

DOCUMENTÁRIO. Série sobre a morte de Celso Daniel elucida o crime

Páginas 37

MEMÓRIA. Lula faz história, ao criar Secretaria de Igualdade Racial

Páginas 40

CINEMA. Os 50 anos da obra-prima de Coppola, "O Poderoso Chefão"

Página 42



A ESPERANÇA E A GUERRA, A PESTE E A FOME

Aloizio Mercadante

O cenário da disputa eleitoral está cada vez mais consolidado. Ao que tudo indica, teremos uma eleição plebiscitária entre Lula e Bolsonaro. A terceira via continua disputando o terceiro lugar, com candidatos que não empolgam e sem que exista no horizonte um fato relevante capaz de reverter a polarização.

A turma de Sérgio Moro é aquela que queria lançar para governador de São Paulo uma figura como Arthur do Val, deputado flagrado

em áudios repugnantes e misóginos dizendo que as “ucranianas são fáceis porque são pobres”.

O ex-juiz segue em um patamar na casa dos 6%, não conseguiu montar palanques locais e sofre resistência dentro do próprio partido, o Podemos. Por isso, no momento de definição do fundo eleitoral, ele e outros candidatos poderão ter grande dificuldade de manter suas pretensões eleitorais.

Para ter alguma viabilidade, a candidatura do governador João Doria (PSDB-SP) teria que partir do estado que ele governa, o maior colégio eleitoral do país, de um

patamar que assegurasse alguma competitividade. Mas não é o que as pesquisas indicam. Nunca um candidato à Presidência saído de São Paulo partiu de uma situação tão vulnerável, inclusive em seu próprio partido, quanto Doria.

Ciro Gomes queimou os comerciais e inserções de rádio e televisão para tentar se tornar o candidato viável da centro-direita, mas segue em voo de galinha. Os demais candidatos persistem sem nenhuma relevância e sem qualquer densidade política ou força popular. E principalmente, sem discurso, histórico e programa para enfrentar a grave crise.

Por isso, a campanha está, já há algum tempo e de forma muito estável, claramente polarizada. De um lado, Lula com potencial de vitória inclusive no primeiro turno. Do outro, Bolsonaro persiste com um piso alto para a tragédia que é o governo dele, mas também com um teto baixo, porque tem rejeição consolidada e que não tem sido alterada.

O discurso da responsabilidade fiscal, que Bolsonaro e Guedes anunciaram no início do governo, virou água e o Centrão tomou conta do governo, abrindo a fase de um vale-tudo eleitoral. Além das medidas que apontamos nos textos anteriores – pedalada de R\$ 44 bilhões dos precatórios, reajustes do salário mínimo e piso dos professores, aumento da cobertura do Auxílio Emergencial, liberação de contas bancárias inertes no Banco Central, anistia do Fies –, temos agora a liberação de R\$ 22 bilhões do FGTS, a antecipação do 13º dos aposentados e pensionistas, o aumento do limite de endividamento do crédito consignado para 40% e os empréstimos de até R\$ 1mil até mesmo para pessoas com o nome negativado em programas de microcrédito. O pacote é de R\$ 150 bilhões e dá a medida do populismo fiscal e do desespero eleitoral de Bolsonaro. Tudo pela reeleição.

Mesmo liberando recursos, o governo não conseguiu impactar de forma significativa as intenções de votos para as eleições do presidente. Nas pesquisas, não houve nenhum movimento consistente e não há mudança de tendência, apenas pequenas variações dentro da margem de erro, entre Bolsonaro e a terceira via, que já estão sendo revertidas nas pesquisas mais recentes.

Isso por causa da peste, em que Bolsonaro foi incapaz de compreender o papel acima de qualquer outro valor de um homem público, que é a defesa da

vida. Ele boicotou o processo de vacinação contra a covid-19 e atuou de forma deliberada para promover o contágio.

Bolsonaro sai da pandemia completamente humilhado, com negacionismo sanitário, do qual tenta tardiamente se descolar, carregando a dramática estatística de 657 mil mortos. Também pela precarização do mercado de trabalho, com o desemprego, subemprego e economia informal, que seguem em patamares altíssimos, com a economia andando de lado desde o golpe.

Ademais, os dados da economia de janeiro apontam que mais uma vez estamos saindo de um quadro de estagnação para uma trajetória recessiva, com o endividamento das famílias em um patamar recorde, subida muito rápida na taxa de juros e uma inflação que, há seis meses, está em um patamar de 10%.

A carestia está totalmente disseminada, trazendo de volta o elevado custo de vida e a fome. A situação tende a se agravar mais com o impacto econômico da guerra, que já promove o aumento do trigo e do milho e que vão encarecer o preço do pão, das massas. As altas dos preços também serão sentidas em outros itens importantes: carne de porco, frango, ovos e leite.

A guerra era só o que faltava para completar as pragas do Egito, que representam o desastre do governo Bolsonaro. A guerra impactou a economia internacional e duramente a brasileira, que segue com a dolarização dos preços do petróleo, depois do desmonte da Petrobrás, para beneficiar acionistas minoritários e 392 importadores.

Há muito tempo que a gente não via, no Brasil, filas nos postos de gasolina. A prova do impacto negativo dos preços dos combustíveis no governo são os ataques de Bolsonaro à Petrobrás e ao

general presidente. A única coisa que todo mundo sabe é que foi Bolsonaro quem nomeou a diretoria. A responsabilidade é dele.

Então, esse é um governo que representa a guerra, a peste e a fome. Na contramão, Lula atravessou todo esse período mantendo uma liderança absoluta, com possibilidade de vencer qualquer candidato, em qualquer pesquisa e em qualquer cenário. Isso sem que os instrumentos de campanha, como inserções de rádio e televisão, que vão impulsionar seu nome, tenham sido acionados.

A força do Lula é o legado, é o equilíbrio e é a pessoa experimentada que dá estabilidade. Lula tem compromisso com a democracia, tem políticas sociais consistentes e inovadoras. Além disso, no governo, teve responsabilidade na condução da política econômica e ambiental. E, como se não bastasse, é uma liderança global aguardada pelo mundo civilizado e democrático, como as viagens internacionais mostraram.

Principalmente, o fato de que Lula, desde a prisão de 580 dias, não anda pelo Brasil. Agora que a pandemia parece ceder, ele vai voltar a percorrer o país e estar diretamente com o povo. No último final de semana, esteve no Paraná. E de lá não vai parar mais. No povo brasileiro e na militância, tem uma saudade guardada há muito tempo e uma vontade imensa de voltar a estar com o Lula.

Em breve, o PT apresentará um programa de governo para a reconstrução e transformação do país, que resgata o nosso legado e será portador de um novo futuro. Esse programa, somado à poderosa liderança popular de Lula, vai fazer toda a diferença a partir de agora. Em outubro, o Brasil estará diante de uma disputa entre a guerra, a peste e a fome – Bolsonaro – e a esperança de reconstrução e uma nova utopia histórica, que Lula representa. •

“ANDAMOS PARA TRÁS. DERRUBA-SE A ECONOMIA PARA SEGURAR A INFLAÇÃO”

Um dos mais experientes economistas do país, o professor aponta que a crise no leste europeu vai mudar o mundo e o Brasil não está atento ao jogo. Crítico dos economistas de mercado, ele também alerta que os desafios para o próximo governo são enormes. “Estamos andando para trás. Aqui o Banco Central derruba a economia para derrubar a inflação”, lamenta

**Alberto Cantalice
Pedro Camarão**

O triste conflito entre Rússia e Ucrânia é apenas uma parte de um jogo de xadrez global para o qual o Brasil não está dando atenção. Essa é a opinião do economista Luiz Gonzaga Belluzzo, que não consegue identificar qualquer movimentação do governo brasileiro para evitar que a inflação atinja todos os setores da economia. Enquanto o mundo passa por um dos momentos mais importantes da história recente, o Brasil segue patinando como já vem ocorrendo desde o Golpe de 2016.

O problema na visão de Belluzzo é que os economistas ligados ao mercado financeiro têm uma

visão muito simplista sobre a economia e a sociedade. No entanto, não apenas estão ocupando o governo federal no momento como também são os únicos que têm espaço nos grandes meios de comunicação brasileiros, o que prejudica demais o debate público sobre a situação econômica do país.

Beluzzo avalia que, para mudar o país, a proposta do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva é a correta: colocar os ricos no imposto de renda e os pobres no orçamento. Mas os desafios que se apresentam são grandes e o debate público sobre economia está perdido em meio ao vício da velha mídia, que se tornou porta-voz dos interesses do mercado financeiro. A seguir, os principais trechos da entrevista concedida à

Focus Brasil:

Focus Brasil – Gostaria de pedir que o senhor começasse falando sobre a importância do momento que o mundo está vivendo com esse confronto entre Rússia e o Ocidente. Uma série de sanções foram adotadas contra os russos e as consequências são imprevisíveis.

Luiz Gonzaga Belluzzo – Se nós olharmos na perspectiva de uma trajetória mais longa da economia capitalista e da geopolítica, podemos dizer que esse episódio – de uma certa forma – reflete as mudanças, hostilidades e disputas que vêm surgindo desde o fim da Guerra Fria. E há um personagem protagonista que não está sendo olhado diretamente na sua importância para o confronto, que é a China. Se nós formos observar a sucessão de episódios que ocor-



Reprodução

reram desde os anos 80 em que os EUA, ao desdobrar a sua economia com a liberalização financeira e do movimento de capitais, sobretudo para abordar a China, que por sua vez abriu a sua economia para o investimento direto estrangeiro. São essas ironias da história. Da mesma forma como a Inglaterra mobilizou os EUA e a Alemanha no século 19 até eclodir a 1ª Guerra Mundial, também agora os EUA sofrem o impacto da sua própria dinâmica que fez a China surgir. Estamos observando essa tentativa da OTAN de se aproximar cada vez mais da fronteira russa com sugestões de ameaças e que encontrou a resposta de um chefe de Estado que não pode ser considerada uma pessoa inclinada à negociação, a despeito de ter estabelecido um "joint statement" com a China uma relação muito clara.

– **O jogo mudou.**

– Com relação ao que vai acontecer daqui para frente é que dada a dependência europeia do abastecimento de petróleo e gás e, em boa medida, também de grãos da Rússia, o desfecho para a Europa e para os EUA, o FOMC [Comitê Federal de Mercado Aberto] decidiu subir a taxa de juros. Eles estão balançando um pouco pelo temor de desacelerar a economia americana. O Brasil já entrou nessa "dança" de uma maneira perversa, eu diria. O Brasil não consegue entender que um choque de... fazer uma parênteses que *commodities* você não pode combater comendo a taxa de juros, é preciso usar outros instrumentos. Acontece que nessa caminhada que mencionei, circunscrevendo os instrumentos de política econômica à política monetária e ao equilíbrio fiscal, isso já causou danos na Itália, na própria Europa mais periférica, que é o caso de Portugal e da Espanha, que levou uma chacoa-

lhada. Então, temos que entender a eclosão dessa guerra como um produto desses movimentos. Vejo muitas vezes que as análises ficam restritas ou se circunscrevem a dizer que o Putin é um autocrata, que ele é tal coisa... isso aí não explica nada.

Estava relendo meus próprios artigos sobre a Guerra do Iraque e aquilo foi uma vergonha em matéria de intervenção. A mentira de dizer que o Iraque tinha armas de destruição em massa. Eu me lembro que o Saddam Hussein fez uma manifestação às Nações Unidas através do seu ministro de Relações Exteriores dizendo que a ONU poderia verificar todo o arsenal iraquiano. Depois, o secretário de Defesa dos EUA foi obrigado a reconhecer que não tinha nada. Isso depois de terem matado mais de 6 milhões de pessoas. Fico muito confrangido com os danos humanos que esses confrontos geram, mas é preciso analisar isso

do ponto de vista sistêmico. Estamos diante de um jogo de xadrez, não adianta você dizer que a rainha é boazinha e que o cavalo é ruim ou que o bispo é malvado. Tem que jogar de modo a eliminar as outras peças. Essa analogia me parece mais adequada ao momento. Então, teremos efeitos sobre a Rússia, outros muito graves sobre a Europa, porque não dá para substituir os oleodutos e gasodutos russos que abastecem a Europa, rapidamente. Ainda que os EUA fiquem fazendo essas manobras de procurar Venezuela, Irã, isso não será algo fácil. Aliás, Boris Johnson foi à Arábia Saudita com a sua total falta de noção...

A Rússia vai sofrer, é claro, mas ao se aproximar mais da China, vai encontrar meios para resolver, por exemplo, a saída de empresas europeias e americanas. Eles vão abrir espaço para os chineses entrarem. Eles estão, na verdade, falando o seguinte: "chineses venham para a Rússia". A China tem uma diversidade de empresas, de lojas comerciais, etc... O pessoal não entende direito a economia da China. Ela é muito vigorosa. Agora, estão fazendo um novo *lockdown*, mas estavam se recuperando rapidamente porque construíram um formato, um ecossistema entre Estado e o setor privado muito difícil de ser batido. No fundo, a Rússia está servindo, desculpe a expressão, mais como um boneco do Ocidente e dos americanos por conta da rivalidade com a China. Se você olhar nas profundezas, vai observar que a questão é o avanço vertiginoso da China em todas as áreas e, sobretudo, no setor de inovações tecnológicas e ciência e tecnologia. Então, para entender essa crise a gente tem que ir mais fundo. Como dizia o filósofo Heráclito, na Grécia: "o movimento oculto é mais importante que o movimento aparente".

– **As consequências para o**

Ocidente como um todo devem ser pesadas e o Brasil não está em busca de soluções.

– Sim. É o que eu estou dizendo. Veja a combinação, você tem um choque inflacionário que está atingindo todos os países, a União Europeia até acabou de decidir por um subsídio aos derivados de petróleo e aqui no Brasil acham feia a palavra subsídios. Não se trata de fazer subsídio. Trata-se de fazer um imposto sobre exportação de óleo cru e impedir que a subida desvairada de preços atinja

PARA ENTENDER A CRISE, É COMO DIZIA HERÁCLITO, NA GRÉCIA: "O MOVIMENTO OCULTO É MAIS IMPORTANTE QUE O MOVIMENTO APARENTE"

toda a economia. Ainda, apesar de toda a crítica que é justa aos efeitos danosos dos combustíveis fósseis, não dá para se desvencilhar inteiramente deles. Então, o que se vai fazer é pegar um insumo universal, deixar disseminar o choque do preço por toda a economia, porque afeta indústria, transporte, transporte ferroviário. E aí vem o Banco Central com a sua unilateralidade e restrições e sobe a taxa de juros. Você derruba a economia para derrubar a inflação quando na verdade você podia

usar outros instrumentos. Aliás, esses instrumentos desapareceram. Eram muito usados no pós-guerra para se estabilizar preços. Foi feito na Europa, e nos próprios EUA, na saída da guerra. John Kenneth Galbraith ajudou a montar o sistema de coordenação, não era tabelamento, era coordenação de preços. Mas não adianta você falar isso aqui porque também o nível cultural baixou muito no Brasil mais do que no mundo. Então as pessoas não sabem História, não refletem sobre as experiências anteriores. Em compensação, a União Europeia vai manejar outros instrumentos para evitar dar um choque de juros muito forte e derrubar a economia. Pelo menos é o que estou observando... Mas também nos EUA, Jeremy Powell está hesitante assim como a presidenta do Banco Central Europeu, a Christine Lagarde.

– **O resultado desse processo todo é uma nova ordem mundial, os EUA não vão mais ser hegemônicos, a gente deve passar a viver num mundo multipolar?**

– Sim, mas isso vem ocorrendo já há algum tempo. Como disse, com a emergência da China a partir do próprio exercício da hegemonia americana através da sua moeda... Não podemos esquecer que esse é um elemento importante da hegemonia americana e que está sendo contestado não explicitamente, mas implicitamente. A Arábia Saudita está concordando em vender petróleo para a China em yuan. Aliás, o que a China está fazendo é disseminar o yuan através de relações comerciais e de financiamento para outros países. Ao mesmo tempo, à maneira deles, estão flexibilizando o seu mercado de capitais para poder absorver participação de outros países, investimentos de outros países no seu mercado, na sua bolsa de valores. Isso já vêm

fazendo há algum tempo. É que o pessoal fica dizendo que a China é comunista e não percebe que eles são especialmente pragmáticos. E dizer que o Ocidente vai poder prescindir das exportações chinesas é uma certa pretensão.

Hoje, estava lendo um artigo do IEDI [Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial] sobre a desindustrialização brasileira. O texto é muito bom, mas a desindustrialização brasileira não pode ser compreendida sem o avanço da China. No momento em que o Brasil sofreu o choque da dívida externa e ficou prostrado, eu estive no governo em 1986 e sei qual era a dificuldade, aí nós encontramos uma saída para a inflação: o Plano Real. Mas ele teve suas consequências negativas como, por exemplo, a aceleração do processo de desindustrialização por causa do câmbio valorizado e da taxa de juros alta. Isso foi no mesmo momento em que a China estava fazendo a sua escalada. Aí o investimento estrangeiro direto não vinha para o Brasil, ia para a China. Se você olhar a participação do investimento estrangeiro direto, falando de projetos novos, de fábricas novas, o Brasil, que foi protagonista nos anos 1950, perdeu completamente a participação. E leio um artigo de um tal de Hélio Beltrão celebrando a valorização do Real e dizendo [criticando] que os [economistas] desenvolvimentistas dizem que só entra capital de curto prazo. Ele alega que "capital é capital", mas é claro. Uma laranja é uma laranja também [ironizando]! Então, ele está dizendo essa banalidade sem explicar que os capitais de curto prazo, da mesma maneira que estão entrando hoje, vão sair amanhã. É a chamada "saída rápida" ou "sudden stops". É o que acontece quando mudam as perspectivas. Aí a visão das relações capitalistas através da predominância financeira é completamente diferente.

Não é por acaso que durante o século 20 todo houve um debate sobre a utilidade ou os perigos do movimento de capitais. O [John] Keynes propôs em Bretton Woods a proibição do movimento de capitais pelo Fundo Monetário Internacional. Não venceu, mas havia no artigo 4º uma permissão do FMI para que os países que tivessem problemas de balanços e pagamentos fizessem controle de capitais. Isso durou até os anos 1980. E, depois, virou essa farra aí que estamos observando.

O PLANO REAL TEVE CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS, COMO A ACELERAÇÃO DO PROCESSO DE ENFRAQUECIMENTO DAS INDÚSTRIAS NO BRASIL, POR CAUSA DO CÂMBIO ALTO

– Na economia brasileira, o agronegócio representa 5% do PIB. A indústria, 11%, e a maior parte está no setor de serviços. Por que o agronegócio, o setor politicamente mais atrasado, reacionário e conservador, tem um peso tão grande no Brasil?

– Essa é uma boa pergunta. Na verdade, houve uma transformação muito grande no agronegócio. Hoje, já não é a agricultura tradicional. É muito tecnificado, muito sofisticado. E representa 5% do

PIB e sua participação no emprego é muito pior. O setor gera poucos empregos. E ademais, com a desindustrialização, isso significa que o agronegócio se abastece dos produtos industriais que necessita fora do Brasil. Veja o caso dos fertilizantes em função da crise da Rússia. Já fizemos várias tentativas de ter uma indústria de fertilizantes porque temos aqui boa parte da matéria-prima e etc. Mas não conseguimos avançar. É uma coisa que debilita muito o agronegócio. O ponto positivo é o fato de ser um grande abastecedor de alimentos, não por acaso a nossa balança comercial com a China é superavitária. É pela exportação de *commodities*. Agora, o caráter conservador e reacionário dessa gente é atávico, digamos. É algo que vem de muitos anos. Eu me lembro que o Severo Gomes [ex-senador da República e ex-ministro da Agricultura, morto em 1992] dizia que os senhores da terra brasileiros, sobretudo paulistas, na época do café, liam Stuart Mill, à noite, com o escravo segurando a vela. Isso passou para o espírito desse pessoal que é muito conservador e reacionário.

Mas o que aconteceu na transformação também, e que não mencionei, é que o agronegócio se financeirizou. E isso tem um significado muito importante. As *commodities* são um ativo negociado nas bolsas de valores. Isso significa que você faz posições no mercado futuro que frequentemente exacerbam um choque de preços. Então, não há mais mecanismos reguladores do Estado, que eram os estoques reguladores. Durante muito tempo foram usados para impedir a flutuação excessiva, que é negativa tanto para os produtores quanto para os consumidores.

Foi o que o Keynes recomendou em Bretton Woods. Ele recomendou ao mundo inteiro o *commodity control*. Ele era um sujeito

que gostava de utopias. Outro dia chamei Bretton Woods de utopia monetária. E um cara achou ruim e me questionou. Respondi que é utopia porque trata-se de um desejo recente de melhorar a vida das pessoas. Então, o agronegócio ganhou um peso político tão grande quanto a financeirização em que vive. E os mercados financeiros têm um peso político ainda maior. Tudo passa por eles. Por exemplo, se você liga a televisão – e eu recomendo que você tenha cuidado ao fazê-lo, mas se ligar e colocar na Globonews – ouvirá as opiniões econômicas em que os caras só falam “porque o mercado”, “porque o mercado”... Isso é um sinal da prevalência dos mercados financeiros. E posso garantir que os economistas do mercado, além dos interesses, não têm noção nenhuma de como, do ponto de vista do conjunto, a economia funciona. Eles sabem operar e discutir as questões microeconômicas, microfinanceiras, mas a ideia sobre o conjunto da obra não têm. Até porque não leram quem estudou isso direito.

Sempre brinco, e as pessoas ficam assustadas: você tem três economistas além dos seus descendentes que cuidaram disso de uma maneira sistemática: Karl Marx, John Keynes e Joseph Schumpeter. Todos sabiam como funcionava no conjunto o mercado financeiro do capitalismo. Outro dia, vi até um ex-aluno meu dizendo que a financeirização é uma invenção. Ora, a financeirização está posta no caráter monetário da economia capitalista. O pessoal de esquerda fica muito preocupado em fazer o cálculo da mais-valia só que a mais-valia é um conceito mais complexo. Marx fala em mais-valor que é você acrescentar renda monetária a partir do uso da força de trabalho, sem dúvida, mas o capitalismo é meio sacana porque ele começa a gerar lucro e renda em outra esfera do funcio-

namento. Aliás, não pode deixar de ser. É uma tremenda avalanche de artigos e estudos sobre esse fenômeno da financeirização.

É que o capitalismo foi solto. Lá no século 19 deu a 1ª Guerra por causa disso, os anos 1920 foram um desastre... Aí veio o pós-guerra e o pessoal resolveu “pegar o bicho” e jogar na jaula: “Agora, você vai se comportar direitinho, gerar renda e emprego, criar oportunidade para todos e o Estado fica tomando conta de você”. Só que nos anos 1980, soltaram o bicho

A MÍDIA NO BRASIL INTERDITOU O DEBATE PÚBLICO SOBRE A ECONOMIA NACIONAL. SÓ SÃO OUVIDOS OS ECONOMISTAS DO MERCADO. E ELES NÃO TÊM NOÇÃO

de novo e ele começou a fazer essas trapalhadas de hoje.

– **E o debate público da economia junto à sociedade. Isso vem sendo prejudicado pela forma como os veículos apresentam a cobertura, porque só abrem espaço a economistas ligados ao mercado.**

– Isso se agravou nos últimos anos. Depois dos governos do PT, começaram a bloquear o debate e a escolher, simplesmente, os economistas conservadores. Eu me

lembro da Juliana Rosa, que não está mais na Globonews, e ela falava assim: “Vou consultar os economistas de mercado”. E aí eles falam aquelas chorumelas, não têm noção de como ocorrem esses processos mais globais. O que acontece é que se restringe muito o debate e não esclarece a população. Isso não é corrigido pelas redes sociais.

Como diz o filósofo italiano Franco “Bifo” Berardi, caímos numa armadilha com as redes sociais, é o imediatismo. Só existem manifestações contundentes e imediatas. E ele diz corretamente que para se estudar um autor ou um problema, é preciso ler e estudar várias vezes. Não é uma coisa corrida. É uma dimensão semiótica e psíquica que está ocorrendo na sociedade. As pessoas têm opiniões instantâneas e indiscutíveis. Isso está formando um tipo de comportamento, de formação intelectual. A própria grande imprensa está sendo conduzida pelas redes sociais. Isso vai encolhendo o espaço de compreensão.

Estava lendo um artigo no *Valor*, de um rapaz que conheço, Winston Fritsch, que foi secretário de Política Econômica no governo FHC. É uma coisa horrível. Ele faz uma análise da desindustrialização brasileira, ridícula. Diz que é falta de competitividade, que na verdade não tem concorrência aqui. Do que ele está falando? Não existe concorrência perfeita como os economistas querem, como uma forma de você produzir de maneira eficiente, alocar os recursos de maneira justa e correta. Isso não existe em nenhum lugar do mundo pela tremenda concentração do capital. São grandes blocos de capital que dominam... Do que ele está falando? Quer dizer, nem um economista conservador americano teria a falta de vergonha que ele teve ao dizer essas coisas. O cara fica envergonhado porque vai levar “cacete”. Então, esse as-

pecto que você está mencionando é muito importante e, na verdade, eu diria que é decisivo para o que vai acontecer aqui na frente.

– Por conta das eleições?

– Veja, todos esperamos que o Lula vença essas eleições, mas vai ter que vencer essa barreira do bloqueio de concepções, do bloqueio conceitual, do debate mais aprofundado. Ele vai ter que lutar porque, veja o que está acontecendo com os preços dos combustíveis. Eu li o editorial da *Folha* e eles dizem banalidades do tipo “você não pode afetar o sistema de preços”. Será que não sabem que o sistema de preço do petróleo é governado por um cartel, pela OPEP? E no caso desses insumos há choques de oferta que precisamos contrabalançar com ação do governo? Eles ficam só falando mal dos subsídios. Até o Vinícius Torres Freire escreveu um artigo dizendo que qualquer ação para estabilizar o preço do petróleo é para favorecer os ricos. Imagina? Quando você olha a cidade de São Paulo cheia de meninos com suas motocicletas transportando comida, quer dizer que eles são ricos também?

– Se Lula ganhar as eleições, vai pegar um legado de 20 milhões de pessoas passando fome, algo que já tínhamos acabado. Lula diz que o povo tem que ser prioridade, que tem que colocar o rico no Imposto de Renda e o pobre no Orçamento. Como ele vai se virar para fazer isso?

– Ele está corretíssimo nas prioridades. A primeira coisa que tem que fazer é socorrer aqueles que estão sofrendo os efeitos da escassez e da fome. Isso é algo que ele dizia já lá na sua primeira eleição. E é essencial. Imagino que o Lula vai ter que lutar muito para montar uma base parlamentar sólida e está certo nessa busca do candidato a vice mais, digamos, centrista. Isso tem

a ver com a composição da base parlamentar. Sem essa base, fica muito difícil. Ele sempre lidou muito bem com o Congresso, mas é preciso ter articulações para levar a cabo os programas. Vejo nesse momento que há um desconforto no Congresso com a forma como o governo está tratando a questão dos combustíveis. O pessoal está muito inclinado a fazer um fundo de estabilização, que é uma coisa que a Noruega, exportadora de petróleo, tem. Mas não adianta aqui porque é uma coisa compli-

OS MODELINHOS DO MERCADO NÃO INCLUEM AS PESSOAS NA ECONOMIA. LULA TEM RAZÃO AO COLOCAR O POVO NO CENTRO DO DEBATE

cada. Mas, enfim, ele tem que ter esse alvo mesmo porque é o principal. Tem que colocar as pessoas no território da economia.

Hoje, estão fora porque os modelinhos desses economistas de mercado não os incluem. Esses modelos são completamente equivocados. Não servem para nada. Basta dizer que, em geral, têm como fundamento o homem econômico racional. E eles circunscrevem esse homem em um indivíduo só. É a Teoria das Expectativas Racionais. Você não precisa

lidar com uma pluralidade de situações sociais: um é rico e outro é pobre; um é empresário e outro, trabalhador. Existe só o homem racional, o detentor das expectativas racionais que sabe qual é a estrutura da economia e sua evolução provável. Você acredita que esses economistas trabalham em cima de uma hipótese dessa? Se você contasse isso para o Einstein, ele morreria de rir. Isso não é uma forma de conhecimento, é uma estupidez. Eles tratam das cifras e as pessoas não interessam. As pessoas são vistas como custos.

Você falou sobre 2016. Outro dia, numa reunião com os economistas ligados ao PT, eu levei uma consideração e estava até conversando com o Guido [Mantega] depois. Com a derrota do Aécio [Neves] em 2014, a pressão do mercado, dos economistas de mercado sobre a política econômica foi desvairada. Então, eles começaram a dizer que estava tudo errado, mas era tudo mentira. Inventavam números, trapaceavam com os números. Por exemplo, diziam que o gasto público cresceu o tempo inteiro mais do que o PIB. E isso é mentira. Há estudos que negam isso. E tanto é mentira que havia um superávit primário alto em geral. Veio aquela onda de pressão, inclusive com os editoriais da *Folha*, *Estadão* e *O Globo* falando barbaridades e aí resolveram fazer o ajuste. O déficit primário em 2014 foi 0,5% e a economia cresceu 0,6%. Em função do choque, em 2015, o déficit primário foi para 2,6%. E a economia ficou patinando. Em 2016, ela caiu 3,3% e depois começou a crescer 1%, 1,5%, até a ocorrência da Covid. Agora, o Paulo Guedes está dizendo que a economia vai crescer 4,5%. Sim, mas é porque ela caiu 4,5%. Na minha opinião, caiu até um pouco mais. Nós não voltamos ao nível de 2013. O desempenho da indústria foi péssimo. •



COM BOLSONARO, BOTIJÃO DE GÁS É COISA DE RICO

Após o Golpe de 2016, a política de preços de combustíveis praticada pela Petrobrás virou arma contra o povo brasileiro. Em 2015, no último ano de Dilma no poder, o vasilhame de 13 kg custava, em média, R\$ 46. Apesar do mi-mi-mi do presidente, agora o preço passou a ser de artigo de luxo: R\$ 160, no Mato Grosso

A vida do povo brasileiro só piora desde que Jair Bolsonaro assumiu a Presidência da República em 2019. Seus três anos à frente do poder se tornaram uma arma contra a economia popular e os interesses da maioria da população. Na última semana, depois de assistir impávido à Petrobrás anunciar um megarreajuste de 18,8% no litro de gasolina, mais 25% no diesel e 16,1% no botijão de gás, Bolsonaro sentiu que a empresa exagerou. E a rejeição ao seu governo aumentou.

Na quarta-feira, 16, ele acusou a empresa de “cometer crime contra a população” ao aumentar o preço dos combustíveis. E admitiu que pediu à empresa para abaixar os valores e sinalizou que não irá manter o atual presidente da Petrobrás, o general Joaquim Silva e Luna. “Existe essa possibilidade [de trocar o presidente da

estatal]. Todo mundo no governo, ministros, secretários, diretores de empresas, presidentes de estatais podem ser substituídos se não estiverem fazendo o trabalho a contento”, declarou.

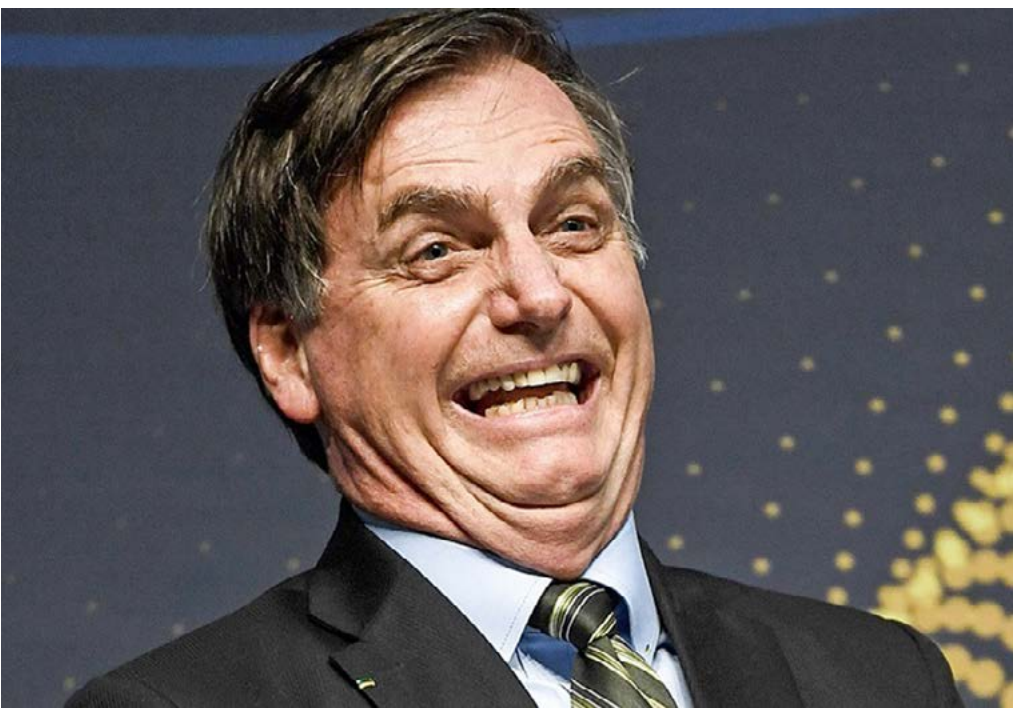
O coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros (FUP), Deyvid Bacelar, reagiu e responsabilizou diretamente Bolsonaro pelo que classifica de “assalto ao bolso dos brasileiros”. “Ô, cara pálida, quem foi que colocou o presidente da Petrobrás? Quem foi que indicou a maioria do Conselho de Administração da Petrobrás? Quem indicou a maioria dos diretores executivos hoje da Petrobrás? A culpa, Bolsonaro, é sua. Assuma sua responsabilidade como presidente da República, como pessoa que representa a União, que é a acionista controladora da Petrobras”, cobrou.

Na Bahia, Bolsonaro ainda acusou a empresa de não colaborar com o governo e que a direção

transformou-se numa “Petrobras Futebol Clube, onde o clubinho lá de dentro só pensa neles, jamais pensa no Brasil”. O argumento é cínico e o presidente, um mitômano. Desde que assumiu o poder, Bolsonaro aprofundou a política de preços instituída por Michel Temer ainda em 2016, que coloca o preço dos combustíveis no Brasil ao sabor dos humores do mercado internacional.

“É inadmissível que o Brasil, que tem autossuficiência de petróleo, que tem refinarias, tenha o preço de paridade de importação como política de preços de combustível aqui”, critica o presidente da FUP. “Não tem por que a gente atrelar os nossos derivados de petróleo ao preço do barril de petróleo no mercado internacional, a variações do dólar e a custos de importação porque está tudo aqui: o petróleo é produzido aqui”.

Os reajustes promovidos há



Reprodução

ENTREGUISTA

O presidente Jair Bolsonaro se queixa publicamente da direção da Petrobrás pelos aumentos dos preços de combustíveis. Mas esquece de esclarecer que foi ele quem nomeou o general que dirige a companhia de petróleo

TURMA DE GUEDES PREVÊ PIB MENOR

Na esteira da guerra entre Rússia e Ucrânia e da desaceleração da economia, o governo Bolsonaro cortou para 1,5% sua estimativa para o crescimento do PIB em 2022. Em vez de 2,1% projetados anteriormente, a economia deve ficar 0,6% menor. O mercado espera ainda menos: 0,49%.

Em compensação, as expectativas para a inflação em 2022 subiram. Nas projeções do Ministério da Economia, o IPCA ficará em 6,55%, ante 4,7% esperados em novembro. O INPC irá a 6,70%, contra a projeção de 4,25% em novembro. E o IGP-DI deverá fechar o ano em 10,01%. Antes, estimava-se 5,42%.

A culpa seria da guerra – repetem os chicargo boys do ministro Paulo Guedes. A guerra na Ucrânia, claro, não a guerra contra o povo que Bolsonaro vem conduzindo de maneira perversa, desde que assumiu o governo em 2019.

O secretário de Política Econômica, Pedro Calhmann, disse que o conflito na Europa já produziu impactos na economia e seguirá como “um fator de risco”. Além de provocar aumento da inflação, por causa da alta das commodities, e trazer volatilidade ao mercado de combustíveis, há outros riscos: quebra das cadeias globais, deterioração das condições financeiras e impactos sobre o comércio internacional.

Outro dado que mostra a economia com menor fôlego é o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), que caiu 0,99% em janeiro. O impacto da variante ômicron sobre serviços, os gargalos na indústria, a inflação e o endividamento das famílias influenciaram o resultado. •



É INADMISSÍVEL QUE O BRASIL, QUE TEM AUTOSSUFICIÊNCIA DE PETRÓLEO, QUE TEM REFINARIAS, TENHA O PREÇO DEFINIDO PELO MERCADO EXTERNO

Deyvid Bacelar

Coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros

uma semana pela Petrobrás sequer embutem a alta do petróleo gerada pela crise no leste europeu, com a guerra deflagrada pela Rússia por conta da proximidade da Ucrânia com a Otan e os Estados Unidos. Mas é o povo quem está sentindo a falta de compromisso de Bolsonaro com o país. Bacelar lembrou que o custo de produção do barril de petróleo no Brasil fica em torno de US\$ 40. Não há motivos, portanto, para que o preço do barril internacional, que está na casa dos US\$ 113, influencie os preços cobrados no Brasil.

Segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), atualizados na sexta, 18, o botijão de 13 quilos, item essencial para preparação de alimentos das famílias, já chega a custar R\$ 160.

Na média, o gás é vendido a R\$ 112,54, uma alta de 35% em relação ao valor praticado há um ano, quando o botijão era vendido por, em média, R\$ 83,11.

O botijão mais caro é em Mato Grosso: por R\$ 160. Na região Sul, o valor chegou a R\$ 155. No Norte, R\$ 150. Já nas regiões Sudeste e Nordeste, o gás de cozinha já é vendido a R\$ 144,99 e R\$ 135, respectivamente. No último ano de Dilma no Palácio do Planalto, em 2015, o gás de cozinha chegou a R\$ 45,92, equivalente na época a 5,83% do salário mínimo. Hoje, o valor está acima de 11%.

Uma realidade bem distante do que foi prometido pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, no primeiro ano do governo, quando ele afirmava que o país passaria por um “choque da

energia barata". Em diversas ocasiões, Guedes afirmou que o preço do botijão de gás poderia cair para R\$ 35, considerando o valor médio à época. Isso representava em 2019 metade do preço, já que o botijão custava em média R\$ 70. A chance da promessa se realizar agora é zero.

Ex-presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o professor Maurício Tolmasquim, diz que o preço pode subir ainda mais. "Se o preço do petróleo subir lá fora, ou se houver algum problema de câmbio, pode impactar o gás liquefeito de petróleo", observa. Vamos ver o preço subindo e descendo algumas vezes, pelo menos enquanto durar essa situação mais conflituosa".

Tolmasquim ressalta que o acesso ao gás de cozinha vai além do uso de um combustível, pois se trata de um insumo de necessidade básica, que interfere diretamente na segurança alimentar das famílias. "Tão importante quanto ter o alimento é poder cozinhar. Usar combustíveis improvisados, como lenha, álcool e outros, em substituição a gás, coloca em risco a saúde das pessoas, da população, sobretudo da população mais pobre", alerta.

De fato, a disparada dos preços afeta, sobretudo, as famílias mais pobres. Quando há aumento do gás de forma descontrolada, como está acontecendo agora, é algo que impacta diretamente as famílias. Elas passam a deixar de ter acesso a algo, algum tipo de alimento, para comprar gás. E começam a utilizar outros meios de combustíveis, que não são adequados, incluindo álcool e lenha.

Mas o drama do aumento dos combustíveis tem um efeito ainda pior: espalhar-se por toda a economia. Pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Eco-

nômica Aplicada (Ipea), mostra que a inflação é mais cruel para os pobres. Embora a inflação tenha aumentado para todas as faixas de renda em fevereiro, quando se olha para o IPCA acumulado dos últimos 12 meses, percebe-se que os mais pobres são os que mais sofrem com a escalada de preços. Para as famílias de renda muito baixa, a inflação anual já está à beira dos 11%.

Para os pobres, é o preço dos alimentos que mais impacta no orçamento. E é por isso que a inflação para eles tem sido maior. Comer se transformou em atividade de luxo nos tempos de Bolsonaro. Segundo o Ipea, no mês passado houve aumentos em produtos como feijão (9,4%), farinha de trigo (2,8%), biscoito (2,3%), macarrão (1,1%), café (2,5%), leite (1%) e pão (1%). Alimentos in natura também ficaram mais caros, especialmente batata (23,5%), cenoura (55,4%) e repolho (25,7%).

Outro levantamento que mostra a piora nas condições de vida do brasileiro foi produzido pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas. As famílias excluídas do Auxílio Emergencial, sem emprego e atordoadas com a inflação, estão afundadas em dívidas. Segundo sondagem do Ibre-FGV, uma em cada três famílias brasileiras tem dívidas em atraso.

A inadimplência atinge especialmente os lares mais pobres, com renda até R\$ 2.100. Chega a 58% nessa faixa. Uma particularidade da inadimplência atual é o aumento das contas básicas como água, luz e telefone. Segundo dados da Serasa, as contas básicas já representavam 23,9% das dívidas em dezembro de 2021, comparado a 20,4% no mesmo mês de 2020. •

PT ALERTA TCU SOBRE ELETROBRÁS

Deputados do PT voltaram a denunciar suspeitas de fraudes na Eletrobrás, num esforço para evitar que o governo Bolsonaro privatize a maior companhia do setor elétrico da América Latina e a maior geradora e fornecedora de energia do país. Além de representar um ataque à soberania nacional, a venda vai encarecer a conta de luz.

Na quinta-feira, 17, o PT entrou com recurso no Tribunal de Contas da União. Nove deputados do partido apresentaram ao ministro Aroldo Cedraz um pedido de suspensão do processo de privatização da Eletrobras, até que sejam apuradas as denúncias de irregularidades nos balanços das empresas Santo Antônio Energia, controlada por Furnas – subsidiária da Eletrobrás – e da Norte Energia, controlada pela Eletrobrás, e suas subsidiárias Eletronorte e Chesf.

Os parlamentares alertam que os equívocos em balanços contábeis das subsidiárias, que serão privatizadas junto com a holding, podem impactar na avaliação dos ativos que serão postos à venda. Ou seja, a Eletrobrás está sujeita a ser vendida por um preço menor do que vale.

Os líderes do PT, Reginaldo Lopes (MG) e da Minoria no Congresso, Arlindo Chinaglia (PT-SP), entraram com uma representação na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) contra eventuais atos lesivos ao patrimônio da Eletrobrás e seus acionistas, no curso do processo de privatização da empresa. •

OPINIÃO

A PETROBRÁS É PARA O POVO

É escandaloso uma petrolífera estatal ter tanta lucratividade e condenar a população de seu país a sofrer com preços exorbitantes. A consequência é sentida pelas famílias brasileiras

Reginaldo Lopes

A disparada dos preços da gasolina, diesel e gás de cozinha pelo país afora mos-



tra com nitidez a incompetência do governo e seus compromissos para beneficiar os acionistas minoritários da Petrobrás, em sua ampla maioria estrangeiros, que receberam R\$ 106 bilhões em dividendos ao longo de 2021. Quase R\$ 10 bilhões ao mês.

Despreparado para o cargo e insensível ao drama vivido diariamente pelo povo brasileiro, Bolsonaro afirma que não pode fazer nada, repetindo a cantilena de sempre quando se vê diante de um problema real, longe do seu mundo paralelo de fake news e mentiras. Entretanto, a política de preços da Petrobrás é lesiva ao país é uma opção política, materializada pelo Preço de Paridade Internacional, ação antinacional implementada em 2016 pelo golpista Michel Temer e aprofundada pelo atual presidente.

A dolarização das tarifas sem levar em conta os custos de produção em real é decisão do conselho de administração da estatal, nomeado pelo governo, assim como o presidente e o comando da empresa. Tenta justificar o estrondoso aumento com a guerra na Ucrânia. Mais uma mentira, pois os preços altos estavam em vigência desde a posse de Bolsonaro.

É escandaloso uma estatal ter tanta lucratividade e condenar a população de seu país a sofrer com preços exorbitantes. A margem líquida de lucro – percentagem de lucro em relação à receita to-

tal – da empresa, em 2021, foi de 23,7%, enquanto a da British Petroleum foi de 5,2%, da Shell 7,6%, da Total 8,9% e da Chevron 9,7%, conforme levantamento da UFRJ.

A consequência é sentida pelas famílias brasileiras. Um botijão de gás no interior de Minas Gerais tem sido parcelado em dez vezes no cartão de crédito, vendido a R\$ 150, o que representa

12,5% do salário mínimo. O litro de gasolina supera os R\$ 8 e em alguns locais já chega aos R\$ 10. Essa política de preços desastrosa repercute diretamente nos fretes, resvala na cadeia produtiva, prejudica o agronegócio e a agricultura familiar. O resultado é o aumento da inflação, empobrecendo ainda mais a população.

É preciso instituir transparência na composição dos custos da Petrobrás, computando-se os valores em real na cadeia produtiva. É uma vergonha uma empresa do povo brasileiro não ter coragem de dar transparência. É preciso trazer ao público os custos, os lucros e os dividendos dos acionistas.

É urgente o Brasil recuperar o papel estratégico no desenvolvimento da Petrobrás. Com Lula, houve investimentos maciços da empresa, o que levou à descoberta do pré-sal e a estatal à condição de uma das maiores empresas petrolíferas do planeta. Naquela época, os investimentos na empresa geraram cerca de 2% dos empregos formais do país.

A Petrobrás tem uma das produções mais baratas do mundo, em real. Por que o povo brasileiro tem que pagar em dólar e subsidiar o combustível de outros países? Como disse Lula, a Petrobrás é patrimônio, não uma empresa privada, não tem que pensar só no lucro. Ela serve aos 213 milhões de brasileiros, pois a eles pertence. •

**A PETROBRÁS
TEM UMA DAS
PRODUÇÕES MAIS
BARATAS DO
MUNDO, EM REAL.
POR QUE O
POVO BRASILEIRO
TEM QUE PAGAR
EM DÓLAR?**

Economista, é deputado federal por Minas Geral e líder do PT na Câmara dos Deputados



SANGRANDO O SUS

Austeridade fiscal impacta a saúde e esvazia o caráter público do orçamento e das receitas do pré-sal. Emenda 109 deve implicar, em 2021 e 2022, perda de R\$ 11,3 bilhões da renda petrolífera que seria destinada à saúde

Bruno Moretti *

Carlos Octávio Ocké-Reis **

Francisco R. Funcia ***

Rodrigo P. de Sá e Benevides ****

Da ótica neoliberal, uma das principais motivações para a introdução da Emenda Constitucional 95 – a Lei do Teto de Gastos – foi o congelamento do orçamento federal da saúde, ao

definir que o mínimo de aplicação no setor equivaleria ao valor empenhado em 2017, atualizado apenas pela inflação passada. A regra sequer considera o crescimento da população, de maneira que o gasto público (ordinário) da saúde em termos reais per capita vem caindo gradativamente.

Comparando-se os valores empenhados em saúde – exceto as medidas provisórias para a Covid, não contabilizadas no

Teto de Gastos – com os valores mínimos que seriam aplicados caso a Emenda 95 não estivesse em vigor – 15% da receita corrente líquida, nos termos da Emenda 86/2015 –, estima-se a perda para o SUS em R\$ 36,9 bilhões, entre 2018 e 2022.

O impacto de outra medida sobre a saúde passou despercebido por muitos analistas: a Emenda Constitucional 109, conhecida como PEC Emergencial,

visava autorizar a execução de R\$ 44 bilhões do Auxílio Emergencial fora do arcabouço fiscal vigente, dado o fim do decreto de calamidade pública.

Ademais, a PEC trazia gatilhos de contenção da despesa primária quando, no âmbito no teto de gastos, as despesas obrigatórias superassem 95% do total das despesas primárias. Em outra ocasião, denominamos a medida de um “subteto do teto de gastos”, revelando a sobreposição de regras fiscais que procuram conter a capacidade de ação estatal.

Defensores da austeridade criticaram o gatilho, tendo em vista que ele não seria ativado no curto prazo. Consequentemente, passaram a afirmar que, para a União, não havia medidas efetivas de controle fiscal. Contudo, o artigo 5º da Emenda 109 prevê que, até o final de 2023, o superávit financeiro das fontes de recursos dos fundos públicos do Executivo, apurados ao final de cada exercício, poderá ser destinado à amortização da dívida pública.

Anteriormente à Emenda 109, os recursos teriam obrigatoriamente execução vinculada às finalidades dos respectivos fundos públicos. Em outras palavras, uma vez não utilizadas ao longo do exercício em que foram arrecadadas, tais receitas se tornam superávit financeiro, ampliando o saldo da Conta Única do Tesouro Nacional.

Na verdade, há uma forte conexão entre a Emenda 95 e a Emenda 109, que acabou aprofundando a política de austeridade fiscal em meio ao recrudescimento da pandemia: o teto de gastos limita artificialmente a ação do Estado, impedindo a execução de recursos, ainda que haja receitas disponíveis para financiá-la.

Quando os gastos não são realizados, o recurso se converte

em superávit financeiro e pode ser desvinculado de suas finalidades, sendo canalizado para a amortização da dívida pública, em benefício dos proprietários da riqueza financeira, sob a forma de títulos da dívida pública.

Em particular, cabe destacar o que ocorreu com a fonte “Compensações Financeiras pela Produção de Petróleo, Gás Natural e Outros Hidrocarbonetos Fluidos”. Atualmente, cerca de 20% dos valores da fonte são destinados à saúde.

HÁ FORTE CONEXÃO ENTRE A EMENDA 95 E A EMENDA 109, QUE ACABOU APROFUNDANDO A POLÍTICA DE AUSTERIDADE FISCAL EM MEIO À PANDEMIA

Esse percentual tende a aumentar à medida que a Lei 12.858/2013 previu que os royalties e a participação especial decorrentes de áreas cuja declaração de comercialidade tenha ocorrido a partir de 3 de dezembro de 2012, relativas a contratos celebrados sob os regimes de concessão, de cessão onerosa e de partilha de produção, sejam destinados à educação (75%) e à saúde (25%).

A província petrolífera do pré-sal responde, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo

(ANP), por cerca de 75% da produção de petróleo no Brasil. O pré-sal, contando com os poços mais produtivos do mundo, foi viabilizado pelos investimentos e pela capacidade tecnológica da Petrobrás. Sua exploração, pelo modelo da partilha, foi concebida de modo a induzir o adensamento de cadeias produtivas e o desenvolvimento social, sobretudo, por meio da ampliação da participação governamental (*government take*) na renda petrolífera e de sua canalização para áreas como educação, ciência e tecnologia e saúde.

As mudanças ocorridas desde o Golpe de 2016 vêm minando o modelo de exploração do pré-sal por meio dos seguintes instrumentos:

a) ampliação da participação das empresas petrolíferas estrangeiras na exploração do pré-sal;

b) previsão nos leilões de baixos excedentes mínimos em óleo (*profit oil*) para a União, ainda que as áreas licitadas tenham elevada produtividade, reduzindo a participação governamental na renda petrolífera;

c) mudanças tributárias que reduzem a base de cálculo para pagamento de Imposto de Renda e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido pelas empresas petrolíferas, apesar das elevadas receitas obtidas;

d) redução dos índices de conteúdo local nos editais, implicando vazamento de renda para o exterior.

Vale dizer, a Petrobrás adotou a Paridade de Preços de Importação (PPI), a partir da qual os preços internos de derivados de petróleo e gás natural incorporam a volatilidade do mercado internacional de petróleo e do câmbio, ainda que a empresa produza parcela substantiva dos combustíveis consumidos internamente.

O uso do PPI e a concentração

da Petrobrás na área de exploração e produção de petróleo (E&P) - implicando privatizações de ativos estratégicos - levaram à ampliação dos lucros da empresa, no contexto de aumento dos preços internacionais do petróleo, sobretudo após o advento da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Mas vale observar que também resultaram em perda de *market share* pela Petrobrás, ante o elevado preço dos seus combustíveis, viabilizando a entrada de centenas de importadores no mercado brasileiro e, em última instância, aumentando o interesse do capital privado no processo de privatização de refinarias, terminais e dutos.

Os elevados lucros são distribuídos, especialmente aos acionistas privados da Petrobrás, sob a forma de dividendos. Mesmo neste cenário de grande rentabilidade, não se vislumbra a mudança do PPI ou ao menos a tributação dos ganhos extraordinários da Petrobrás. Por exemplo, foi retirada no Senado Federal a previsão, no Projeto de Lei 1.472/2021, de Imposto de Exportação sobre o petróleo bruto, de modo a capturar receitas extraordinárias (*windfall profits*) resultantes do aumento de preço do barril do petróleo. Tais receitas poderiam ser usadas como fonte para estabilização de preços de combustíveis e instrumento de regulação do mercado, estimulando o uso do óleo cru para o abastecimento interno, conforme Carneiro e Moretti (2021).

Retomando o tema do artigo, a política de austeridade fiscal é mais um obstáculo à efetivação do modelo planejado para a exploração do pré-sal. O teto de gastos impede que a ampliação da renda petrolífera apropriada pela União resulte em mais gastos sociais. Conforme já exposto, a Emenda 109 agravou esse quadro, desvinculando fontes como os royalties, destinadas originalmente ao Fun-

do Social, prevendo seu uso para o resgate de títulos públicos.

Em 2021, o superávit financeiro da fonte de royalties e participações especiais do petróleo canalizado para a amortização da dívida foi de R\$ 41,4 bilhões, segundo a base de dados do Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (Siop).

Considerando que, no último ano, dos valores executados com base nesta fonte, 20% são alocados para o SUS, estima-se que R\$

EM 2021, O SUPERÁVIT DOS ROYALTIES E PARTICIPAÇÕES DO PETRÓLEO CANALIZADO PARA AMORTECER A DÍVIDA FOI DE R\$ 41,4 BILHÕES

8,3 bilhões foram subtraídos da saúde. Além disso, em 2022, há disponibilidade de utilização de R\$ 14,7 bilhões do superávit financeiro dos royalties e participações especiais para amortização da dívida, esperando-se a desvinculação de mais R\$ 3 bilhões da saúde.

Deste modo, a Emenda 109 deve implicar, em 2021 e 2022, uma perda de R\$ 11,3 bilhões da renda petrolífera que seria destinada à saúde. Para se ter uma ideia da dimensão da perda, ela equivale a nove vezes o orçamento do Ministério da Saúde para o

SAMU e a três vezes os valores destinados à aquisição de vacina contra a Covid (fora a reabertura de créditos extraordinários), ambos para o ano de 2022.

Quando se observa o índice de liquidez do Tesouro Nacional, dado pela relação entre a parcela da dívida pública federal a vencer em doze meses e a reserva de liquidez na Conta Única do Tesouro, percebe-se que ele evoluiu de 64% para 85% entre dezembro de 2020 e janeiro de 2022. Não há, portanto, qualquer restrição de liquidez na gestão da dívida que justifique a subtração da renda petrolífera que financiaria o SUS.

A política de austeridade fiscal, a partir das conexões entre a EC 95 e a EC 109, impactou negativamente o SUS em R\$ 48 bilhões entre 2018 e 2022. Se uma medida impede o crescimento real dos gastos sociais e investimentos públicos, a outra garante a desvinculação de receitas em prejuízo de áreas como educação e saúde.

Em resumo, a combinação de regras que articulam a contenção de gastos e a desvinculação das rendas petrolíferas, em prejuízo das políticas sociais, demarca o aprofundamento de um modelo de Estado gestado a partir da ruptura institucional de 2016, em que o orçamento público e a exploração do pré-sal já não se orientam pela garantia de direitos e pela indução do crescimento econômico inclusivo e sustentável. •

* Economista, é doutor em Filosofia pela USP, professor e pesquisador e assessor legislativo no Senado. ** Economista, doutor em Saúde Coletiva (IMS UERJ) e pós-doutor pela Yale School of Management (New Haven, EUA). *** Economista, é professor da Universidade do Município de São Caetano do Sul (Uscs) e integrante da coordenação do Observatório de Políticas Públicas, Empreendedorismo e Conjuntura da (Cunjuscs). **** Economista, é um dos autores do estudo "Os impactos do novo regime fiscal para o financiamento do sistema único de saúde e para a efetivação do direito à saúde no Brasil".



O VELHO GOLPE DO PARLAMENTARISMO

Arthur Lira cria grupo de trabalho para adoção do semipresidencialismo no país, que institui um primeiro-ministro como chefe de governo. Líder do PT diz que debate agora busca “tumultuar o processo eleitoral”. No Senado, grupo de juristas vai rever Lei do Impeachment

O golpe do parlamentarismo volta a surgir no horizonte, diante da possibilidade de vitória de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, nas eleições de 2022. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), criou, na quinta-feira, 17, um grupo de trabalho para discutir a adoção no país do semipresidencialismo, um sistema de governo no qual o presidente eleito divide a gestão com um primeiro-ministro.

A manobra tem cara de golpe, cheiro de golpe, porque é golpe. O líder do PT na Câmara, deputado Reginaldo Lopes (MG), reagiu. Ele declarou que o debate sobre o regime de governo neste momento tem como objetivo “tumultuar o processo eleitoral” e classifi-

cou como “golpe” contra a soberania popular.

No ano passado, quando a ideia foi aventada, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi direto: “Semipresidencialismo é outro golpe pra tentar evitar que nós possamos ganhar as eleições”, disse.

O grupo de trabalho criado por Lira é integrado por 10 deputados federais e terá prazo de 120 dias para concluir os trabalhos, podendo o prazo ser prorrogado por igual período. O deputado Samuel Moreira (PSDB-SP) irá coordenar os trabalhos do grupo, que envolvem reuniões e audiências públicas sobre o tema.

O Brasil realizou dois plebiscitos – em 1963 e em 1993 – para que a população pudesse escolher sobre qual sistema político viveria. Sistemas não-presi-

dencialistas foram rejeitados nas duas ocasiões.

Lira ainda criou um conselho consultivo, coordenado pelo ex-ministro Nelson Jobim, do Supremo Tribunal Federal (STF), com participação do ex-presidente Michel Temer e da ministra Ellen Gracie. O conselho atuaria como assessoria do grupo de trabalho.

O semipresidencialismo é um meio-termo entre o parlamentarismo e o presidencialismo. Neste sistema de governo, a figura do presidente fica mantida como nos moldes atuais – escolhido em eleições diretas –, mas introduz no cenário político o primeiro-ministro. No presidencialismo – que é o sistema de governo em vigor no Brasil – o presidente acumula a função de chefe de Estado com a de chefe de governo.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) apoia a proposta, que também tem entre seus defensores ministros do STF, como Gilmar Mendes, Luis Roberto Barroso e Dias Toffoli.

Impeachment

Na semana passada, Pacheco instalou outra comissão para rever a lei do impeachment, em vigor desde 1950. O grupo é presidido pelo ministro Ricardo Lewandowski, do STF. O presidente do Senado diz que o colegiado terá 180 dias para apresentar um anteprojeto de lei, a ser analisado por todos os parlamentares. Para o presidente, a Lei do Impeachment está desatualizada e, em alguns pontos, é incompatível com a Constituição.

“É uma lei da década de 1950. Uma realidade completamente diferente do Brasil e das instituições. Diversos dispositivos dessa lei não foram recepcionados pela Constituição”, justificou. •

REGINA ASSUME O GOVERNO DO PIAUÍ

A vice-governadora do Piauí, Regina Sousa (PT), assumirá o comando executivo estadual por nove meses, tornando-se a primeira mulher a governar o estado. A cerimônia de posse será em 31 de março. O anúncio ocorreu na terça-feira, 15, durante a sessão plenária na Assembleia Legislativa, onde foi lido e aprovado o requerimento apresentado pelo deputado Francisco Costa (PT).

O governador, Wellington Dias (PT) concorrerá ao Senado nas eleições de outubro. Mulher, negra e de origem humilde, a vice-governadora foi eleita em 2018 como a terceira melhor senadora do ano pelo Congresso em Foco. Ela foi também a primeira mulher a assumir o Senado pelo Piauí. Em 2018, foi eleita vice na chapa de Wellington Dias.

Ela tem como meta trazer para o centro da pauta a temática dos Direitos Humanos e Meio Ambiente, assim como fez quando era senadora, quando presidiu a Comissão de Direitos Humanos.

Filha do trabalhador rural Raimundo Sousa Miranda, e da dona de casa Maria da Conceição Silva Miranda, Regina, aos 10 anos já sabia plantar e colher feijão, milho e fava. Foi quebradeira de coco e observando o que acontecia com seus pais, que moravam em terra alheia, ainda menina, compreendeu a necessidade da reforma agrária, que aprendeu com um tio militante das Ligas Camponesas.

Fundadora da Central Única dos Trabalhadores no Piauí, ela presidiu a entidade nos anos 80. Regina começou a militância sindical em 1978. Formada em Letras com habilitação em línguas portuguesa e francesa pela Universidade Federal do Piauí. Tornou-se professora em 1971. •



REQUIÃO SE FILIA AO PT

“Precisamos fazer libertação do país, de um governo que aniquila vorazmente a soberania nacional e suprime os direitos dos trabalhadores”, afirma

A filiação do ex-governador do Paraná Roberto Requião ao PT, na noite de sexta-feira, 18 de março, aconteceu em clima de festa, no pavilhão da Expo Unimed, em Curitiba, em auditório lotado, com mais de 3.000 pessoas de diferentes partes do Brasil. Petistas de todo o país, como o governador Wellington Dias (PI) e o senador Jaques Wagner (BA) se juntaram ao ex-presidente Lula e à presidenta nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), para prestigiar a assinatura da ficha de filiação e dar boas-vindas ao ex-governador paranaense.

Aos 81 anos e depois de três mandatos como chefe do executivo do Paraná pelo MDB, Requião, que também foi senador entre 1995 e 2002, chega ao Partido dos Trabalhadores, a convite de Lula e Gleisi. Ele se coloca novamente como candidato a governador para trabalhar pela reconstrução do Brasil e do Paraná e pela retomada da democracia no país.

O ex-senador trouxe o filho Requião Júnior e os sindicalistas Nelsão e Sérgio Butka para se filiarem junto com ele. Requião declarou que chega ao PT renovando votos e reafirmando sua fidelidade com o Brasil e o povo brasileiro. “Precisamos fazer a libertação do país”, disse. “Libertação de um governo que aniquila vorazmente a soberania nacional e suprime os direitos dos trabalhadores. Espero que mais brasileiros tomem a mesma posição, a mesma direção”.

Lula reafirmou seu apreço por Requião e agradeceu por ele ter aceitado o desafio de se filiar ao PT e disputar novamente o governo. “Tenho certeza de que você vai conviver com o pessoal do PT e vai chegar à conclusão de que o PT é o mais extraordinário partido de esquerda da América Latina”, disse. “Eles têm a máquina, mas nós temos a verdade estampada das coisas que fizemos no Paraná e no Brasil. Você tem legado, você tem história. Nós temos história”. •



A FORÇA DO PETISMO

Pesquisa da Vox Populi mostra que 35% do eleitorado tem admiração pelo Partido dos Trabalhadores. E a rejeição caiu para 33%. Lula terá de disputar apoios entre aqueles que não estão na polarização: 32% dos brasileiros

Jordana Dias Pereira

Pesquisa recente publicada pela Vox Populi traz atualização dos sentimentos em relação ao PT. O instituto acompanha a evolução da relação do eleitorado com o partido via aplicação de uma pergunta: “Em relação ao PT, você diria que...”. Ao entrevistado, o instituto oferece um conjunto de cinco alternativas em gradação: a) Eu detesto o PT; b) Não gosto, mas não detesto;

c) Nem gosta, nem desgosta; d) Gosto, mas não sou petista; e e) Sou um petista.

É possível agrupar as duas primeiras opções – “eu detesto” e “eu não gosto do PT” – e mensurar o eleitorado que está no campo antipetista. Da mesma forma, é possível também medir o tamanho do campo de influência petista agrupando as duas últimas opções – “eu gosto do PT” e “eu sou petista”.

O campo não polarizado é aquele que soma o “meio” – eu nem gosto, nem desgosto do PT

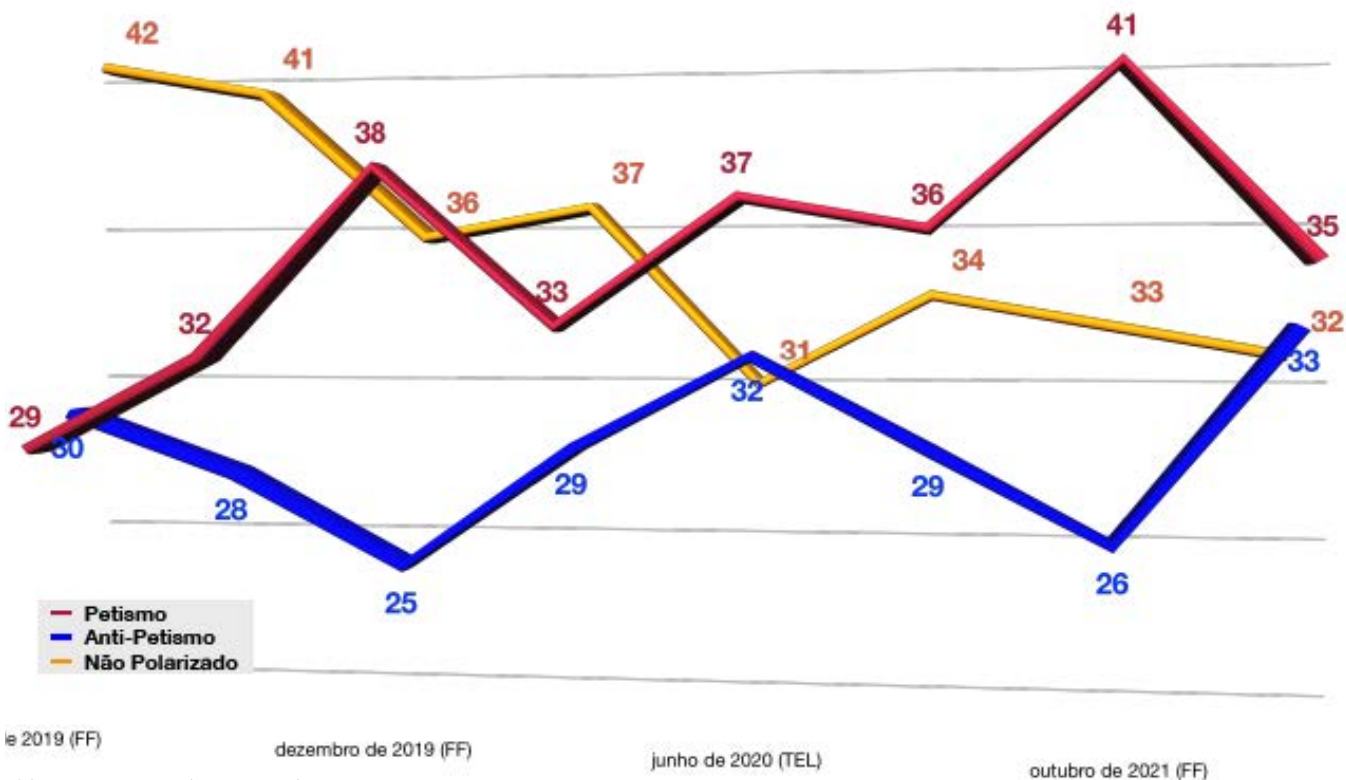
– e os que não souberam responder.

O gráfico traz os resultados das pesquisas desde abril de 2019 – primeiro semestre do governo Bolsonaro – até fevereiro de 2022. Ainda que coexistam dois métodos distintos de coleta, é possível perceber a evolução do sentimento em relação ao partido.

Durante todo o período, o antipetismo se mantém estável, em maior ou menor medida, tendo atingido seu menor patamar em dezembro de 2019 – quando 25% da população mostrava algum ní-

Evolução do sentimento em relação ao PT

Pesquisa Vox Populi. Série de abril de 2019 a Janeiro de 2022



vel de rejeição ao partido. O seu maior nível ocorreu em janeiro de 2022, com 33% de rejeição.

Já o petismo indica ampliação. Iniciou essa série histórica com seu mais baixo desempenho – quando 29% da população se dizia petista/gostava do PT – e, a partir daí, com relativa constância, ampliou sua margem de influência, chegando a 41% em outubro de 2021 e se manteve nos 35% de adesão até início de 2022.

Por outro lado, a parcela da população “não polarizada” mostra sinais de retração. Começa a série com 42% do eleitorado e, ao longo do período, perde 10 pontos percentuais de sua abrangência – em janeiro de 2022, 32% da população dizia nem gostar nem desgostar do PT ou não sabia responder a questão.

Essa retração pode indicar uma tendência de consolidação da polarização que está marcando o período pré-eleição de 2022: Bolsonaro versus Lula. Segundo a última pesquisa IPESPE, Lula (PT)

possui 42% e Bolsonaro (PL) 28% da intenção de voto.

A pesquisa Genial/Quaest publicada em 16 de março também evidencia que a expectativa de que haverá uma terceira via fora da polarização Lula e Bolsonaro está cada vez menor. É a primeira vez, na série histórica, que a torcida por uma vitória de Bolsonaro ultrapassa numericamente a torcida pelo “candidato nem-nem”, 26% contra 25%.

Para conquistar maioria eleitoral, Bolsonaro e Lula deverão – além de manter seu polo eleitoral unido e ativo – disputar, justamente, os 32% do eleitorado não polarizado, segundo a última Vox Populi.

Não à toa, foi essa parcela da população o foco de investigação do estudo produzido pelo Núcleo de Opinião Pública, Pesquisa e Estudos (Noppe): “Percepções e Valores da Sociedade Brasileira Não Polarizada”. No levantamento, torna-se evidente que não se trata de um perfil homogêneo. Há diversas

combinações misturadas de posições ora progressistas, ora conservadoras. Ora liberais, ora punitivistas, sem comprometimento com nenhum “lado ideológico”.

Jovens e mulheres se destacam pela resistência ao bolsonarismo. Os primeiros pela adesão a valores que coadunam com as liberdades individuais e direitos civis. E as mulheres, pela adesão a valores solidários e coletivos. Quando perguntado qual o valor que entrevistados/as querem deixar para as próximas gerações, por exemplo, é muito contundente, principalmente entre as mulheres, respostas que caminham no sentido de “empatia”, “respeito ao próximo”, “amor pelos outros” etc.

Num cenário de tendência de consolidação da polarização, se faz necessário a produção de um diagnóstico fino sobre a parcela do eleitorado em disputa. •

Mestra em sociologia e coordenadora do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisa e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.



MODELO No Piauí, as crianças têm acesso a um Centro de Mídia, criado pela Secretaria de Educação do Estado

NÃO TEM TEMPO PERDIDO

Após dois anos de pandemia, em que as crianças ficaram distantes da escola, propostas tentam recuperar o conteúdo perdido. Aqui estão três iniciativas adotadas pelo governo do Piauí, Prefeitura de Araraquara e o MST do Paraná

Isaías Dalle

O retorno às aulas presenciais, após dois anos de pandemia, muitas dúvidas, medos e indefinições, é uma realidade em 2022. Os riscos de contaminação e morte pela Covid-19 ainda não deixaram de existir. Porém, com o avanço da

vacinação, as escolas e universidades foram reabertas. O desafio agora é recuperar o tempo de paralisação e recompor o conteúdo pedagógico que teria sido compartilhado em outros tempos.

Cenários não-convencionais costumam demandar soluções ou saídas, senão inéditas, ao menos diferentes das usuais. Difícil imaginar que crianças, adolescentes e

jovens possam recuperar o tempo de estudo perdido na pandemia valendo-se dos moldes anteriores. Para tentar identificar experiências de recomposição de aprendizado que buscam romper a grade curricular, Focus Brasil ouviu relatos que vêm do Piauí, da cidade de Araraquara e do MST.

As três experiências envolvem diversas ferramentas. Mesmo di-



CAMINHOS DO SABER Escola itinerante mantida pelo MST no Paraná ficou em terceiro lugar no IDEB do MEC

ferentes em amplitude, têm em comum a inspiração em um modelo em que o ensino não está refém de uma divisão seriada, estanque. Estudantes, por vezes de séries e idades diferentes, podem se encontrar em atividades complementares, de acordo com dois critérios preponderantes: necessidade e potencialidade.

A escola itinerante Caminhos do Saber, que congrega atualmente 220 estudantes dos ensinos fundamental e médio, no acampamento Maila Sabrina, em Ortigueira, Paraná, é uma das unidades de ensino nascidas a partir do MST em que a recomposição

de aprendizado acontece nas chamadas aulas intermediárias e no reagrupamento.

Nas aulas intermediárias, estudantes com limitações de aprendizado em alguma disciplina reúnem-se, três vezes por semana, em turmas que cumprem 15 horas adicionais, somadas às 20 horas dedicadas às turmas regulares, que continuam frequentando. O estudante pode deixar essa atividade extra quando seus professores avaliarem que a carência que o trouxe até ali foi superada.

Enquanto isso, uma vez por mês, ocorrem os chamados reagrupamentos. Estudantes de

séries e idades diferentes se reúnem para trabalhar dificuldades em língua portuguesa ou matemática, por exemplo. “Essas aulas têm planejamento e metodologia especiais. Com isso, todos avançam”, defende o pedagogo Jones Fernando Jeremias de Lima, que trabalha na escola Caminhos do Saber.

No Paraná, escolas do MST adotam o chamado sistema de ciclos de formação humana desde 2004, quando essa metodologia foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação. Em 2019, a Caminhos do Saber ficou em terceiro lugar no Índice de Desenvolvimento

Divulgação/Secom/PI

OPORTUNIDADE

No Piauí, estudante que não consegue bom resultado na avaliação anual passa a frequentar complementação com acompanhamento de professores, enquanto se mantém matriculado no próprio ano-série



da Educação Básica (Ideb), entre 100 escolas da região. As aulas intermediárias, que haviam sido suspensas pelo governo paranaense em 2018, foram retomadas no ano passado, no contexto da pandemia, por pressão do MST.

No Piauí, governado por Wellington Dias (PT), o estudante que não consegue um bom resultado na avaliação anual, realizada pela Secretaria de Educação, passa a frequentar uma complementação, enquanto se mantém no ano-série em que está matriculado. Entre algumas medidas para enfrentar o desafio do retorno total às aulas, a complementação conta com a ajuda, desde o ano passado, de quase 2 mil alunos-monitores, selecionados entre aqueles que têm maior grau de evolução nas disciplinas. Em 2021, os alunos-monitores que cumpriram a nova missão com sucesso foram premiados com a posse definitiva dos tablets que a Secretaria de Educação adquiriu para a tarefa.

Na opinião de Maria José Mendes Neta, diretora de Ensino e Aprendizagem da Secretaria de Educação do Piauí, um dos elementos cruciais para atravessar esse período tem sido o Centro de Mídia. Em ação desde 2012, o centro estava “no ponto”, segundo ela, quando a suspensão das aulas presenciais foi decidida, em março de 2020. “No início”, conta Maria José, “o centro foi pensado para atender as escolas mais distantes do território”. A rede estadual piauiense tem hoje mais de 200 mil alunos, 30 mil educadores e

O TEMPO DE MATURAÇÃO DO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS GEROU O DESENVOLVIMENTO DE PLATAFORMAS E FORMAÇÃO DE EDUCADORES



Divulgação/Prefeitura de Araraquara

EDUCA MAIS Em Araraquara, as crianças contam com tecnologia para reforçar o aprendizado. Prefeitura reequipou escolas durante a pandemia

652 escolas, distribuídos em 224 municípios. O tempo de maturação do uso de tecnologias digitais e de telecomunicação no ensino proporcionou o desenvolvimento de plataformas e a formação dos educadores, tornando um pouco

mais fácil a adaptação para o período de pandemia.

Na educação, o governo do Piauí mantém parcerias com entidades do terceiro setor, para a elaboração de métodos de avaliação e execução dos planos elaborados para cada ano. O processo de enfrentamento da pandemia também se pautou pelo diálogo com os conselhos nacional e estadual de educação, e com a União Nacional dos Di-

rigentes Municipais de Educação (Undime). Esses fóruns intensificaram as trocas com outros entes da federação, ainda mais importantes diante da inação do governo federal durante a pandemia.

Na cidade paulista de Araraquara, administrada por Edinho Silva, também do PT, um dos pilares da recomposição de conteúdo pós-pandemia é o reagrupamento em atividades complementares de crianças com níveis de aprendizado semelhantes, que podem ser estudantes de séries diferentes. Assim como nos casos do MST e do Piauí, a duração dessas atividades depende da superação das carências e o desenvolvimento das potencialidades. Clélia Mara dos Santos, secretária municipal de Educação, afirma que o reagrupamento, para não ter uma perspectiva de simples reforço escolar, vai contar com o apoio de equipes extras de pedagogos.

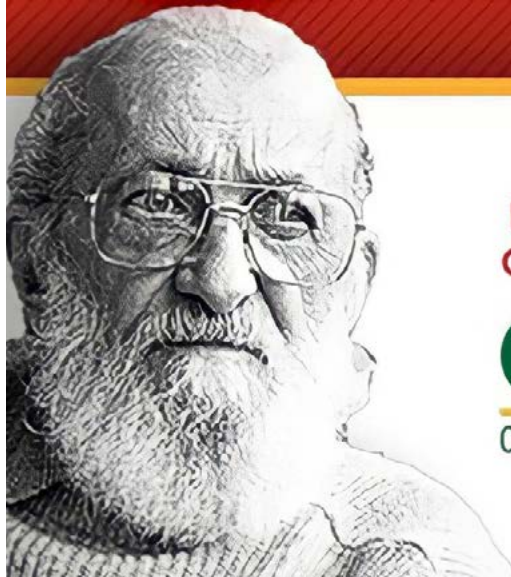
Outra proposta do projeto, batizado de Educa Mais Araraquara, é o programa Lição em Casa. “Ideia muitas vezes tão polêmica”,

comenta Clélia, “mas a experiência que vivemos desde 2020 nos mostra que a criança precisa repercutir esse novo processo de vivência escolar, inclusive envolvendo seus familiares. Mas não se trata de a criança sair da escola e passar o restante do dia fazendo tarefa em casa. Dez minutos que a criança investir para recuperar o que viu em sala vai nos apontar um diagnóstico de aprendizado e ajudar os professores a preparar as aulas seguintes”, garante.

Clélia destaca que o portal da secretaria traz plataformas interativas como suporte para esse projeto, e que parte das atividades do Lição em Casa será realizada no centro de educação, criado pela prefeitura. A leitura e compreensão de textos, princípio para os demais aprendizados, terá peso especial no projeto. Integrando esse esforço, a partir de abril serão realizadas as Quartas de Leitura nas escolas da rede municipal de Araraquara, cujas bibliotecas têm ganhado ampliação de acervos.

“Cada uma dessas ações só se concretiza se tivermos um processo formativo com nossos professores”, acrescenta Clélia. “Nosso projeto tem início nessa preparação dos professores para interagir com o universo que a gente está propondo”.

Essa preparação, lembra a secretária, envolve inclusive educadores que tinham pouca familiaridade com as tecnologias digitais. “Estamos apostando que, nessa janela de oportunidade trazida pela pandemia, possamos finalmente fazer com que as escolas públicas tenham Wi-Fi, um laboratório de informática bacana, que nossos professores tenham laptop para ir e vir com eles nas atividades, fazer roda de conversas com seus pares”, aponta. “Estamos desde os anos 1990 falando dessa necessidade, e nunca caminhou. É chegada a hora de as escolas públicas vivenciarem isso”. •



Rumo à Conape no
Centenário de Paulo Freire

CONAPE

Conferência Nacional Popular de Educação

NATAL SEDIA A 2ª CONFERÊNCIA NACIONAL POPULAR DE EDUCAÇÃO

A Conferência Nacional Popular de Educação de 2022 tem como tema Reconstruir o país: a retomada do Estado Democrático de Direito e a defesa da educação pública e popular, com gestão pública, gratuita, democrática, laica, inclusiva e de qualidade social para todo mundo. O lema é Educação pública e popular se constrói com democracia e participação social: nenhum direito a menos e em defesa do legado de Paulo Freire.

A partir destas máximas começaram a ser organizados os debates e discussões pelo país rumo à etapa nacional. À frente da conferência está o Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE) articulação da sociedade civil, que vem crescendo. A conferência nacional ocorrerá entre 15 e 17 de julho de 2022, em Natal (RN), com expectativa de reunir mais de 2 mil pessoas.

O governo do Rio Grande do Norte está na organização da conferência. Decreto da governadora Fátima Bezerra (PT) autoriza a realização da etapa da Conferência Nacional Popular de Educação (CONAPE), instituindo uma comissão organizadora. O decreto foi publicado no Diário Oficial em 24 de novembro de 2021 e pode ser acessado aqui. •

Com 45 entidades nacionais mobilizadas em defesa da educação, o fórum é uma resposta da sociedade civil ao Golpe de 2016 e seus retrocessos. Em 2017 o governo Temer promoveu uma intervenção no Fórum Nacional de Educação (FNE) e o desconfigurou. Essa situação persiste até os dias atuais.

Com legitimidade e vigor, o FNPE realizou, em 2018, a Conferência Nacional Popular de Educação, em Belo Horizonte (MG). O evento contou com a presença da ex-presidenta Dilma Rousseff. A etapa nacional foi nomeada naquele ano ‘Lula Livre’: a educação como espaço de resistência, deliberando um plano de lutas.

A Conape 2022 começou ainda no ano passado, com a realização de etapas preparatórias, incluindo conferências livres, inter-regionais e municipais, além das etapas estaduais em andamento. A conferência é um amplo processo de mobilização e uma convocação à retomada da democracia no país e das vozes da sociedade civil organizada por meio dos movimentos sociais e das entidades educacionais. Uma reafirmação do compromisso com uma educação verdadeiramente transformadora. •



COMO O PT SALVOU O BRASIL: A INFLAÇÃO SOB CONTROLE

Nos governos do PT, apesar da grita da mídia e dos adversários, a inflação permaneceu dentro da meta. Sob Fernando Henrique, a média da taxa de inflação foi superior à verificada no primeiro governo Lula, 6,4%; no segundo, 5,1%; e com Dilma, 6,2%

Eduardo Fagnani *
Gerson Gomes **
Guilherme Mello ***

Neste décimo oitavo texto da série de artigos organizada para oferecer fatos e números que desconstróem as mentiras circulantes, segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”, abordamos como a inflação permaneceu sob controle nos governos Lula e Dilma.

Mostramos agora que, durante os governos petistas, a taxa de inflação não esteve “fora do controle”. Ao contrário, permaneceu controlada e preservou a tendência de queda durante os governos Lula, apresentando ligeira alta no primeiro governo Dilma, mas ainda dentro das metas estabelecidas. A média da taxa de inflação entre 1995-98 (9,7%) e 1998-2002 (8,8%) foi superior à verificada entre 2003-2006 (6,4%), 2007-2010 (5,1%) e 2011-2014 (6,2%) – como mostra o gráfico 1.

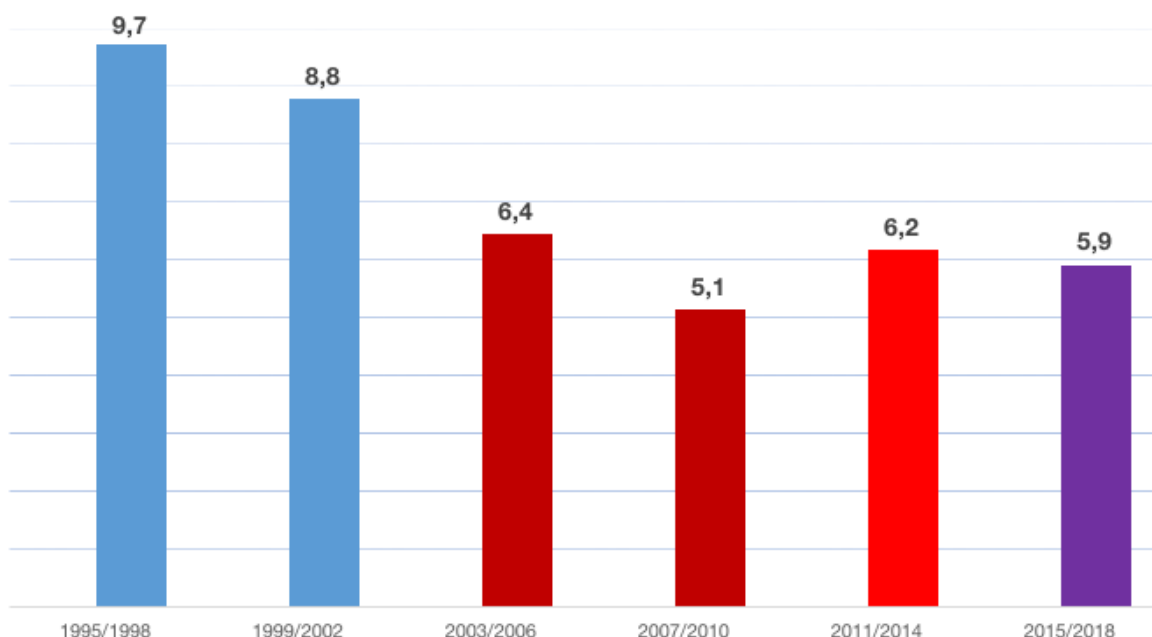
Nas análises anteriores, demonstramos a falsidade da narrativa de que o país quebrou com o PT, apresentando o comportamento de diversos indicadores econômicos. Mostramos que um dos grandes legados dos governos petistas foi reduzir drasticamente a vulnerabilidade externa. Houve queda substancial na dívida externa bruta. Além disso, as reservas cambiais aumentaram mais de 20 vezes. E a dívida externa líquida passou a ser negativa a partir de 2007. Por fim, o governo central foi fortalecido contra as pressões do mercado, pois foi possível praticamente zerrar o peso dos títulos indexados ao câmbio no total da dívida e reduzir pela metade a proporção de títulos indexados à Selic.

A melhoria dos fundamentos macroeconômicos também é atestada pela queda constatada em vários indicadores: dívida pública; taxa de juros básicos; despesas com juros, como proporção da arrecadação tributária federal; e despesas com pessoal e encargos, como proporção do PIB.



Evolução da taxa de inflação – IPCA | Gráfico 1

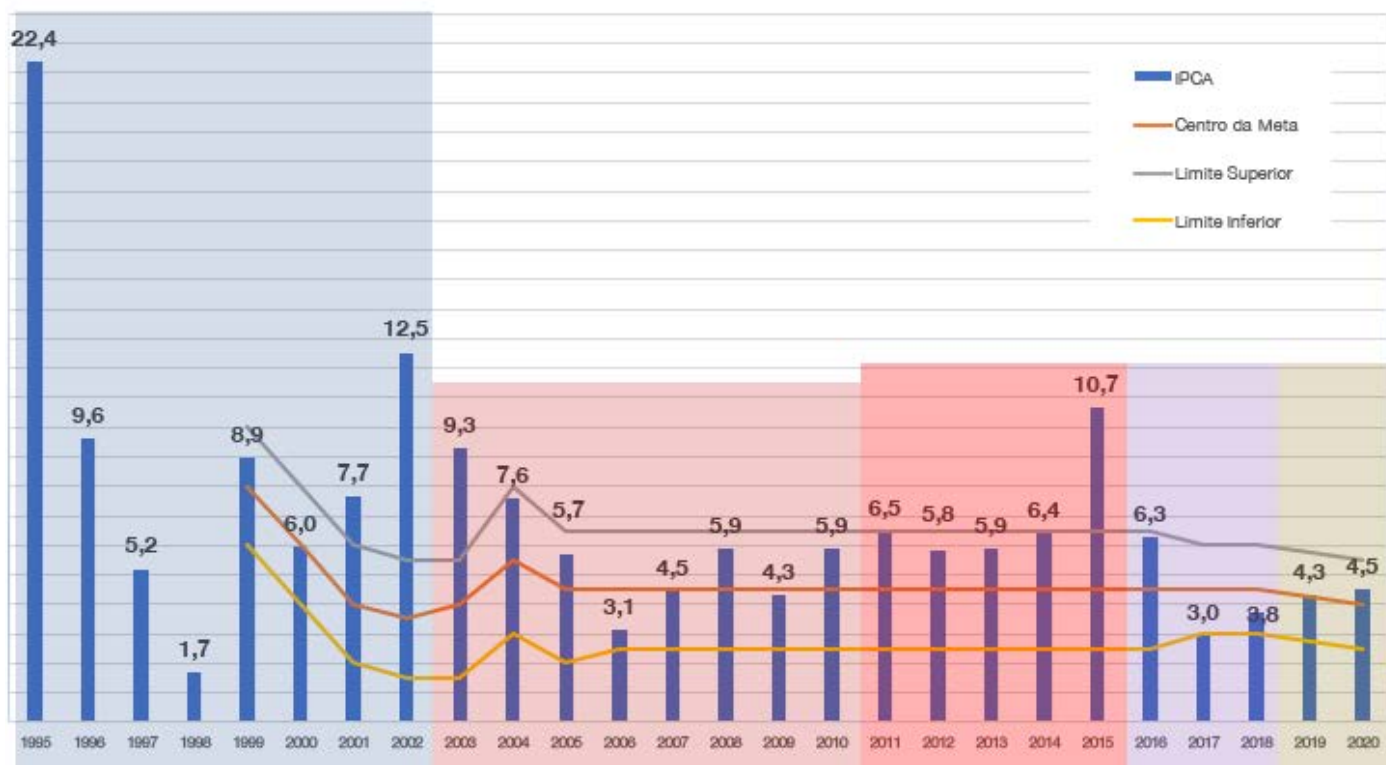
Média anual por subperíodos, em porcentagem



Fonte: BCB. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

Evolução da taxa de inflação – IPCA | Gráfico 2

Em porcentagem, entre 1995 e 2020



Fonte: BCB. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

Houve expressiva geração de superávits primários, durante os governos petistas, e o Brasil voltou a crescer e a redistribuir os frutos desse crescimento, sobretudo pela expansão do investimento, do crédito fornecido pelos bancos públicos e do mercado interno de consumo assalariado, formado a partir de políticas de distribuição de renda e de expansão e formalização do emprego, que ampliaram a renda das famílias e as vendas no varejo.

Analisando a evolução anual da taxa de inflação, nota-se que ela caiu, de 12,5% (2002) para um patamar abaixo de 6,5% entre 2005 e 2014, sempre inferior à banda superior da meta (gráfico 2), próximo do verificado em outras economias emergentes no período.

Em diversos momentos, al-

gumas pressões inflacionárias de custos foram controladas

**EM DIVERSOS
MOMENTOS,
ALGUMAS
PRESSÕES
INFLACIONÁRIAS
DE CUSTOS FORAM
CONTROLADAS
PELOS GOVERNOS
DE LULA E DILMA**

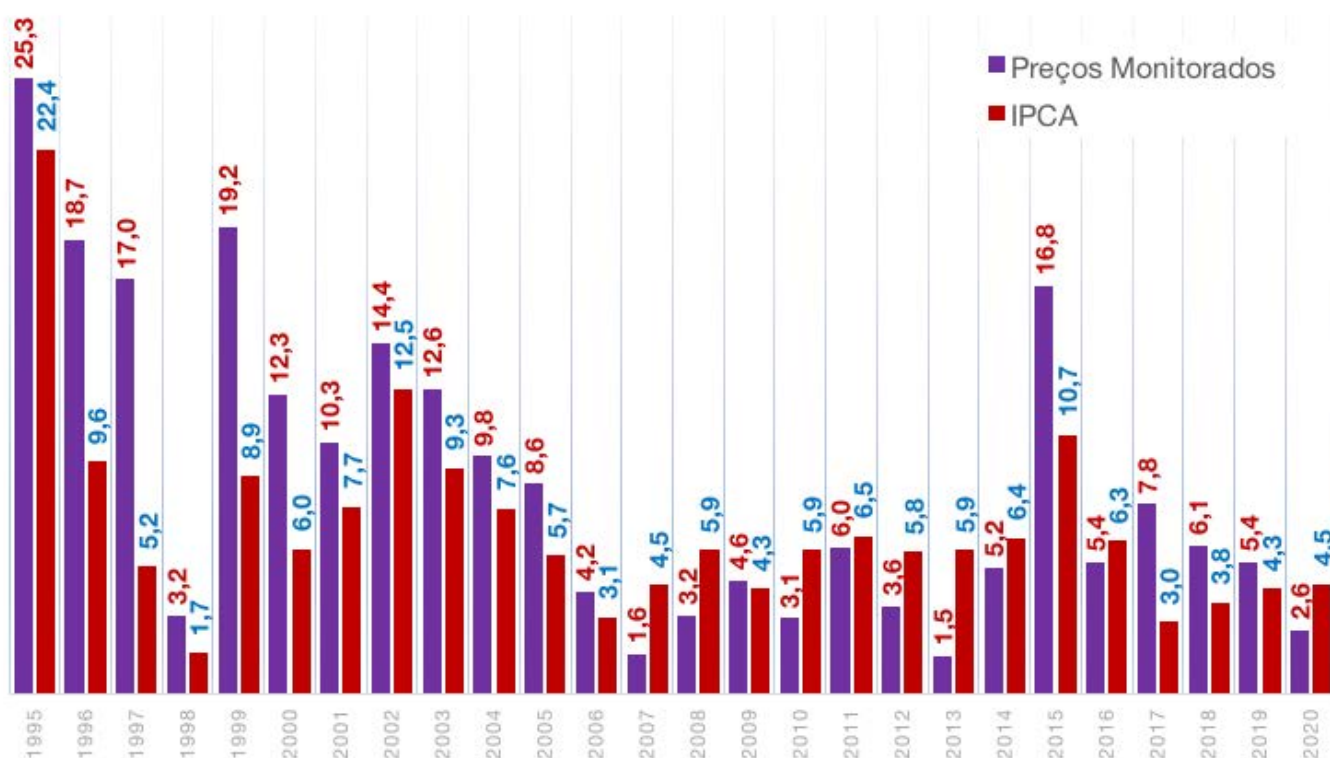
pelo governo. A maioria não decorreu de problemas de excesso de demanda incentivada pelo gasto público, como a narrativa liberal nos quer fazer crer.

As pressões naquele momento decorreram da prolongada seca, que aumentou o custo de produção de energia. Além disso, efeitos prolongados da crise financeira internacional de 2008-2009 pressionaram o câmbio - o que seria inevitável, em um cenário de deterioração da balança comercial e das estruturas produtivas.

Havia também pressão advinda do mercado de trabalho, graças ao ganho salarial dos trabalhadores acima da inflação. Essa pressão, juntamente com o aumento da formalização do trabalho, não deveria ser vista de forma negativa, pois melhora a distribuição

Evolução do IPCA e preços monitorados * | Gráfico 3

Varição anual entre 1995 e 2020 — em porcentagem



Nota (*) Cesta composta de produtos como combustíveis, remédios, energia elétrica, passagens de ônibus e material escolar, dentre outros.

Fonte: IPEADATA.

GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

peçoal e funcional da renda, aumentando a qualidade de vida da população trabalhadora. Mesmo em um cenário próximo ao pleno emprego, os governos do PT lograram manter a inflação na meta.

O aumento da taxa de inflação em 2015 (10,5%) reflete o movimento mais geral de deterioração das condições da economia internacional; do agravamento da crise política – posto que a oposição passou a apostar na instabilidade institucional, e a forçar que se impusessem limites legislativos à condução da política econômica. O aumento da inflação reflete também os efeitos disruptivos da operação Lava Jato e da mudança de rumos na política econômica a partir do mandato de Joaquim Levy, marcado pela contração fiscal.

O objetivo do ajuste implantado era enfrentar, de uma só vez, os desequilíbrios da economia brasileira, promovendo uma imediata desvalorização cambial e um aumento coordenado de um conjunto de preços administrados, o que gerou pressão inflacionária e recessiva em uma economia que já se encontrava em fase de desaceleração do crescimento

Os impactos dessa mudança se expressam, dentre outros sinais, nas variações, em termos de médias anuais, da taxa de câmbio (+50%) e da SELIC (+22,4%). Os mesmos impactos refletem-se também no expressivo aumento dos preços monitorados (de 5,2% em 2014, para 16,8% em 2015).

Portanto, também no caso da taxa de inflação, não se sustenta a afirmação de que a “crise”,

que teria sido gerada pelos governos do PT, teria sido “fundamentalmente crise de irresponsabilidade fiscal”, como o arbítrio mais delirante nunca se cansa de repetir. •

* Doutor em Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho da Unicamp.
** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara.
*** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica, da Unicamp.



A ESQUERDA É A GRANDE FAVORITA NA COLÔMBIA

Gustavo Petro vence as primárias com mais de 4 milhões de votos. As eleições presidenciais acontecem em maio. A direita liderada por Álvaro Uribe é a grande derrotada na disputa

No último domingo, 13, os colombianos votaram por um novo congresso e também nas primárias presidenciais para escolher os candidatos para a disputa presidencial de maio. O país realizou suas primeiras eleições desde o início da pandemia de coronavírus, há dois anos.

A coalizão Pacto Histórico, que reúne grande parte da esquerda na Colômbia, obteve 17 cadeiras

no Senado e 25 na Câmara dos Deputados nas eleições legislativas, em dia de derrota para o partido Centro Democrático, liderado pelo ex-presidente Álvaro Uribe, então a maior força política do país.

Como apontavam as pesquisas de opinião, o senador de esquerda Gustavo Petro emergiu como o atual líder na disputa pela Presidência. Com quase todos os votos apurados, ele venceu a primária do Pacto His-

tórico, coalizão de partidos de esquerda, com 80% dos mais de 5,4 milhões de votos dados.

A coalizão de grupos conservadores atraiu 3,9 milhões de eleitores para sua primária, vencida por Federico Gutierrez, ex-prefeito de Medellín. Ele é um crítico do acordo de paz de 2016 com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

Um grupo de partidos centristas conhecido como Coalizão da Esperança obteve 2 milhões de

eleitores em sua primária, vencida pelo matemático Sergio Fajardo, que também concorreu nas eleições presidenciais de 2018.

Os três competirão na eleição presidencial da Colômbia em 29 de maio, juntamente com vários outros candidatos escolhidos anteriormente por partidos menores. Se ninguém obtiver 50% dos votos, um segundo turno será realizado em junho entre os dois primeiros colocados.

“Parece que os candidatos do centro foram os grandes perdedores nesta eleição”, disse Sergio Guzman, analista de risco político em Bogotá. “Eles mostraram divisões durante a campanha e não foram eficazes em levar os eleitores às urnas”.

Petro obteve mais de 4 milhões de votos nas primárias de domingo, dobrando o número de votos recebidos por todos os cinco candidatos nas primárias do centro.

O senador, que pertencia a um grupo rebelde na década de 1980, procurou capitalizar a crescente frustração com o governo conservador da Colômbia, que resultou no aumento da pobreza durante a pandemia e, no ano passado, enfrentou grandes protestos por um plano de aumento de impostos, violência policial e aumento da desigualdade social.

Petro promete aumentar os impostos sobre corporações e grandes proprietários de terras, e sugeriu que, se vier a se tornar presidente, o governo comprará terras para distribuir aos campo-

neses. Ele também disse que suspenderia os projetos de exploração de petróleo e faria com que o governo assumisse um papel maior na economia, inclusive garantindo renda anual aos colombianos.

“Ele fala das necessidades sociais que aumentaram durante a pandemia e se refletiram nos protestos”, disse Johan Caldas, professor de ciência política da Universidade de La Sabana, em Bogotá.

O Pacto Histórico do Petro também foi o mais votado na lista do Senado, com cerca de 15% do total de votos. Mas isso não dará ao movimento cadeiras suficientes para ter maioria no Congresso. A direita está fragmentada em seis partidos e seguirá sendo maioria.

Será necessária a formação de alianças com a coalizão Aliança Verde e Centro Esperança, que conta com 14 cadeiras no Senado. Os tradicionais partidos colombianos Conservador e Liberal emplacaram 15 senadores, cada um. O Centro Democrático obteve 14, a Mudança Radical 11, o Partido da U 10 e a Coalizão Mira-Colômbia Justa Livres conseguiu quatro.

As bandeiras do Pacto Histórico serão defendidas, entre outros, por congressistas como María José Pizarro, Alexander López, Aida Avella, Roy Barreras e Iván Cepeda, assim como por novos representantes, como a líder social Isabel Zuleta, a administradora Esmeralda Hernández ou a ativista María Fernanda Carrascal. •

EX-GUERRILHEIRO, PETRO PROMETE AUMENTAR OS IMPOSTOS SOBRE CORPORAÇÕES E GRANDES PROPRIETÁRIOS DE TERRAS, SE FOR ELEITO PRESIDENTE

GRUPO DE PUEBLA MANIFESTA PREOCUPAÇÃO

Em nota divulgada na quinta, 17 de março, o Grupo de Puebla, que reúne líderes políticos progressistas da América Latina e Europa, expressou sua preocupação com as recentes denúncias de fraudes e irregularidades na contagem de votos realizada publicamente pelo Pacto Histórico. A organização pediu aos órgãos eleitorais da Colômbia e às autoridades nacionais correspondentes que façam todos os esforços necessários para garantir eleições.

“Nós que integramos o Grupo de Puebla instamos as missões internacionais de observação eleitoral credenciadas pelo Conselho Nacional Eleitoral da Colômbia a permanecerem vigilantes no desenvolvimento do processo e na contagem dos votos, a fim de garantir o respeito irrestrito aos valores democráticos e assegurar o cumprimento da vontade popular do povo colombiano.”

O Pacto Histórico, que se viu reforçado nas eleições legislativas da Colômbia no dia 13, alertou nos últimos dias para a existência de diversas irregularidades no processo eleitoral, chegando a referir-se a uma “mega fraude”.

Em declarações à W Radio, citadas pela Prensa Latina, o senador Roy Barreras disse que, em 29 mil mesas eleitorais – mais de 25% do total –, não houve nenhum registro de votos a favor do Pacto Histórico, algo que é “impossível e inacreditável”. •

CULTURA

MÚSICA, SUBSTANTIVO TRANSGÊNERO

Cantoras, compositoras e produtoras que desafiam as noções de gênero botam sua cara no sol, nas plataformas digitais e na mídia afirmando o direito de existir com liberdade e dignidade

Bia Abramo

De noite pelas calçadas/ Andando de esquina em esquina/ Não é homem nem mulher/ É uma trava feminina/ (...) É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto/ Está sempre em desconstrução". Os versos iniciais da canção "Mulher", da cantora, compositora e, agora, participante do BBB 2022, Linn da Quebrada, resumem com nitidez a eclosão recente de uma visibilidade que esteve sempre nas sombras da vida social brasileira.

Transgêneros e travestis, ou seja, pessoas que não se identificam com a identidade de gênero que lhes foi atribuída ao nascer, vêm conquistando, à custa de muito ativismo, direitos básicos, como o registro do nome social – no Brasil, em 2016 – e o fato da disforia de gênero, nome médico para designar a desidentificação com o gênero cultural e socialmente atribuído, deixar de ser considerado um transtorno mental, de acordo com o Catálogo Internacional de Doenças – o que foi oficializado pela OMS apenas em 2019.

Diferentemente da homossexualidade, que se refere à orientação sexual, a transgeneridade envolve outros conflitos das noções de feminino e masculino e mobilizam transformações que vão desde a aparência às mudanças corporais radicais. Antes das terapias hormonais mais modernas e da possibilidade de fazer as cirurgias de maneira segura, inclusive pelo SUS, travestis e transgêneros eram invisibilizados muito pelo incômo-

do causado pela ambiguidade de seus corpos. Num país conservador como o Brasil, fora dos lugares, momentos e atividades "permitidas" àqueles que exerciam sexualidades não-binárias, a diversidade sempre foi muito reprimida. Em muitos casos, a violência dessa invisibilização se dava em conjunção explosiva com racismo e preconceito de classe. Ou seja, estava (e está) criada a receita para que a "bicha, preta, pobre e periférica" fosse tratada com tiro, porrada e bomba.

Linn da Quebrada começou a chamar a atenção nas plataformas digitais com suas letras e colagens eletrônicas, como em "Bixa Preta", onde reflete sobre o triplo choque do racismo, de vir da quebrada e da homossexualidade: "A minha pele preta, é meu manto de coragem/ Impulsiona o movimento/ Envaidece a viagem". Participante do programa BBB 2022, não abrandou o dis-

curso nem diante das câmaras – e já sofreu transfobia ao vivo.

Liniker, paulista de Araraquara, surpreendia pelo contraste entre o uso de maquiagem e roupas femininas e a voz grave e potente. Com o grupo Caramelows, do qual fez parte até o ano passado, as composições dos discos *Remonta* e *Goela Abaixo* passavam pela tradição do soul e do suíngue da música negra brasileira, da linhagem de Jorge Ben e Tim Maia. Em sua estreia solo, no álbum *Indigo Borboleta Anil*, Liniker estreitou ainda mais sua relação com a MPB, em parcerias com Milton Nascimento e Tássia Reis.

Em trajetória semelhante, **Assucena Assucena** surgiu em dupla com Raquel Virgínia no grupos As Baías, revisitando a MPB clássica. Assucena e Raquel se encontraram no começo dos anos 2010 no curso de História da USP e juntas com o grupo As Baías lançaram três álbuns.

Divulgação





QUEBRANDO BARREIRAS A cantora Liniker, paulista de Araraquara, lançou o solo *Indigo Borboleta Anil*. E a sergipana Isis Broken estreou em 2021 com “Bruxa Cangaceira”. Abaixo, Jupp do Bairro também renova a MPB

“Tarântula” (2019), o último da dupla, chegou a ser indicado ao Grammy Latino, pela sua produção mais apurada no pop dançante. Neste ano, Assucena fez uma guinada na carreira. “Partido do Alto”, seu primeiro (e excelente) single solo, homenageia o samba de partido alto.

Jupp do Bairro, ex-parceira musical de Linn, com quem trabalhou como backing vocal, ousou ser uma mulher trans preta, pobre e periférica da cidade de São Paulo, e adentrar no rap. Território tradicionalmente masculino, hétero até pelo menos os anos 2000, o rap começou também a ser reivindicado por mulheres MCs e por homens gays.

Não à toa, as primeiras décadas do século 21 viram também o funk, antes conhecido como “carioca”, não apenas fincar raízes nas periferias de São Paulo como se tornar o gênero de preferência dos mais jovens, homens e mulheres. Em “Corpo sem Juízo”, de 2020, Jupp plasma tanto essas confluências de gêneros musicais como a da fluidez dos corpos, em faixas com participação do rapper Rico Dalasam, da funkeira Deize Tigrona, da

roqueira baiana Pitty. “Trangressão”, “Corpo sem Juízo” e o último single “A Sensação da Raiva”, aproximam a fala cantada (ou o canto falado) do rap de bases eletrônicas etéreas e sofisticadas.

Isis Broken se define como “rapentista”, combinando ao rap (acrônimo da expressão “rhythm and poetry”) do repente nordestino, estilo que também se define pelo improviso e pela rima, em geral em dupla e como canto-resposta, ou seja, uma espécie de diálogo cantado.

Seja qual for a definição possível, a música de Isis Broken, toda angulosa e com inspirações no imaginário fantástico brasileiro,

devolve ao ouvinte uma sensação de beleza estranha e aguda. A sergipana lançou seu primeiro álbum, “Bruxa Cangaceira” em 2021, ano em que também nasceu seu primeiro filho com o marido Lourenzo, homem-trans.

Toda vez que a música brasileira acolhe as diversidades que emergem rasgando as convenções, ela emerge desses processos com um frescor inventivo ímpar. Nas pistas ou nas plataformas digitais, travestis e transgêneros estão fazendo sua revolução nada silenciosa, afirmando o direito de existir com liberdade, dignidade e muita música interessante. •

Fotos: Divulgação



PÁ DE CAL NA VERSÃO DO MP

Série exibida pela Globoplay dá a versão definitiva para a morte do ex-prefeito Celso Daniel. Ele foi vítima de crime comum, como apontou a Polícia Civil. Adversários não vão conseguir extrair do documentário denúncias contra petistas para as eleições de 2022

Eduardo Luiz Correia

Pá de cal é a expressão popular que quer dizer encerrado, acabado. Refere-se ao costume de, ao fim de um sepultamento, despejar cal dentro da cova para maximizar a decomposição e combater a contaminação do solo pelo líquido cadavérico. Dito isso, o maior mérito da série Caso Celso Daniel, exibida pela Globoplay, em parceria com o Estúdio Escarlate, é pôr uma pá de cal na versão de crime de mando no escândalo político-midiático que se tornou a morte do prefeito de Santo André, Celso Daniel, ocorrida em 18 de janeiro de 2022.

Ao longo dos oito episódios da série documental, com dezenas de depoimentos, animações e uma ordem cronológica adequada dos acontecimentos, a série recompõe o enredo que, a menos



que vistos com os olhos pré-dispostos, permite uma compreensão mais próxima daquilo que podemos chamar de realidade. Não é exagero considerar que ao longo dos capítulos o espectador saia convencido de que Sérgio Gomes não mandou matar o amigo. Muito pelo contrário, sabe-se agora que, de fato, Celso e Sérgio nutriam uma amizade sincera e que o caso ganhou a dimensão por questões laterais – políticas ou empresariais.

Foram necessários 20 anos da irreparável perda de Celso Daniel, e da morte em vida de Sérgio Gomes, o “Sombra”, para que justamente de onde menos se poderia esperar – a Rede Globo – as coisas estariam no lugar. As primeiras investidas na imprensa davam conta que a produção seria um instrumento contra o PT na luta política em mais um ano eleitoral.

Mas o documentário surpreende ao contextualizar no roteiro

os principais aspectos do acontecimento – o que não impede de, cortado cirurgicamente, tornar-se munição para o paiol das milícias digitais. Ao colocar os fragmentos de notícias num todo cronológico e numa montagem coerente, fica flagrante a fragilidade da versão do Ministério Público, encampada pela grande mídia, mas fundada em indícios, muito deles, frouxos.

A notícia é que a produção da Globoplay custou R\$ 5 milhões. É provável. Desde a pesquisa de arquivo, passando pelas entrevistas e os recursos das dramatização e animação para reproduzir as dinâmicas dos acontecimentos – algo que poderia ser questionável – acabam por cumprir adequadamente seu papel na construção e reprodução dos acontecimentos.

Um dos pontos positivos está na construção e montagem das sequências. Por toda a série, são colocados os aspectos controversos, com as devidas posições de cada personagem ou fato. Aliás, a potência do documentário está nos depoimentos. A cada rodada

Reprodução

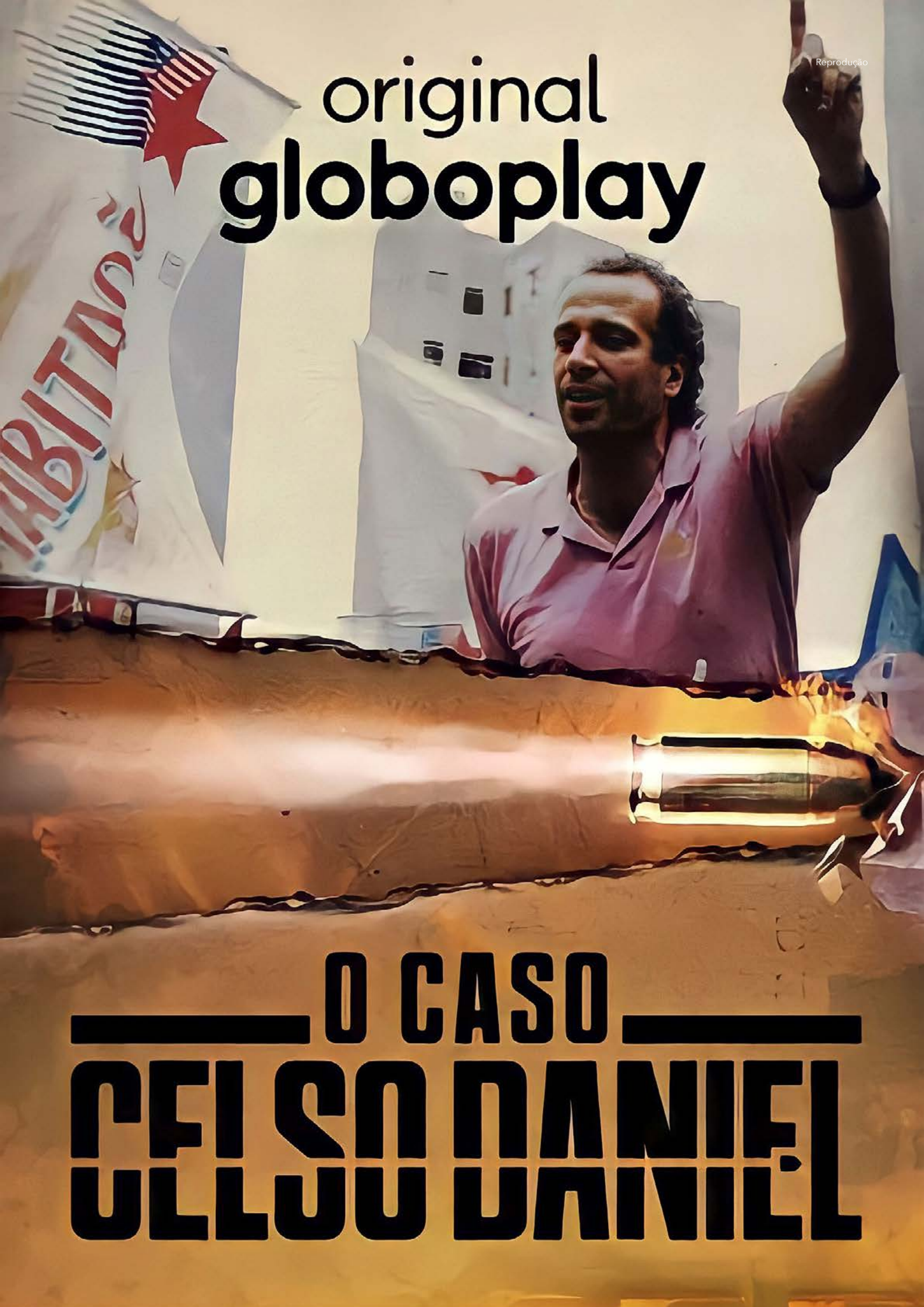


ESCÂNDALO

A morte do ex-prefeito de Santo André, ocorrida em janeiro de 2022, passou a ser explorada politicamente pela mídia e adversários do PT como se Celso Daniel tivesse sido vítima de “queima de arquivo”

Reprodução

original
globoplay



O CASO
CELSO DANIEL
CELSO DANIEL

de explicações, confissões ou revelações, fica patente identificar a consistência dos relatos entre aqueles que defendem a versão do crime comum, diante da corrente que apregoa o assassinato com mandante.

Em 2012, concluí minha tese de doutoramento – História e ficção na narrativa de um escândalo midiático – pela Universidade de Brasília (UnB), que virou livro em 2017: “Caso Celso Daniel, o jornalismo investigativo em crise”, lançado pela editora Insular. No meu trabalho, procuro desvelar a construção do imaginário popular a partir do noticiário da imprensa, tendo por objeto de investigação a cobertura do caso e o noticiário da imprensa, principalmente da *Folha de S. Paulo*.

Na pesquisa, procuro demonstrar como a linha de investigação do MP, com sua versão de crime de mando, é narrativamente homóloga em sua estrutura aos romances policiais de enigma, como de Edgar Allan Poe, Agatha Christie e Arthur Conan Doyle. Na mesma investigação, aponto como as investigações da Polícia Civil, com a versão de crime urbano, fruto de um cotidiano violento numa grande metrópole, são estruturalmente semelhantes às aquelas do chamado romance policial de suspense – ou *noir*.

Qual a diferença entre os dois gêneros? Os livros policiais de enigma são narrativas cerebrais, nas quais os detetives desvendam o crime a partir de um mosaico de indícios correlatos, mas que são montados para se “encaixar” na estória pelo autor. As obras de suspense, por sua vez, narram casos de crime do dia a dia, praticados por bandidos comuns, como nas obras de Raymond Chandler, Dashiell Hammett ou Rubem Fonseca.

O documentário permite tal interpretação, pela qual a narrativa do MP seria homóloga es-

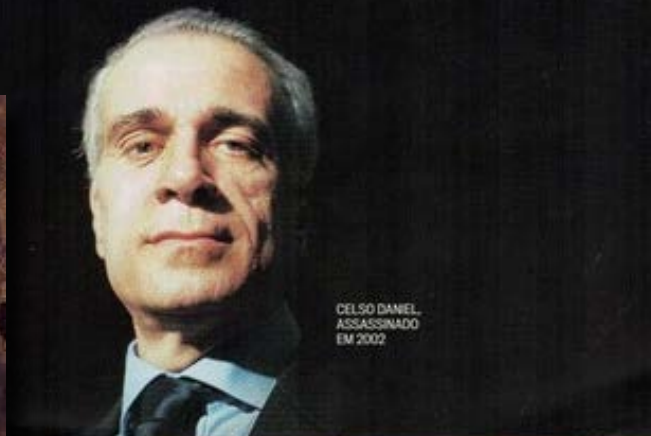
Reprodução

Abri
CALENDÁRIO DE ASSINANTE
VERBA PÚBLICA

veja
www.veja.com
Editora ABRI
edição 2472 - ano 49 - nº 14
6 de abril de 2016

O CADÁVER DA LAVA-JATO

Com as duas prisões da Operação Carbono 14, os investigadores chegam perto de esclarecer o mistério que mais assombra o PT: afinal, quem matou Celso Daniel, o prefeito de Santo André?



MÍDIA VENENOSA

A revista *Veja* passou anos levantando suspeitas sobre crime encomendado, na versão fantasiosa do Ministério Público

trutalmente à do romance de enigma enquanto a dos delegados, a de um romance *noir*. A diferença, no entanto, é que o caso Celso Daniel não foi tratado pelo documentário como um romance de enigma, mas de suspense. Aliás, a própria linguagem do documentário lembra os filmes *noir*, com seus jogos de luz e sombra, claro e escuro.

Por que a versão de crime de mando perdeu o fôlego? Talvez porque a morte de Celso Daniel não foi ficção, mas realidade. E, diante de tantas evidências e não indícios, não há mais um Arthur Conan Doyle para juntar indícios desconexos e dar a Sherlock a explicação do mistério.

De certa forma, o Ministério Público apresentava sua narrativa à imprensa e, de um modo ou outro, tornava-se verossímil. Mas a realidade se impôs. O resultado parece ter saído daqueles livros que mais se parecem com os “tiras” de Chandler, Hammett e Fonseca. E, por fim, a série escreve uma página importante, senão fundamental, para a construção da memória de Celso Daniel e Sérgio Gomes na história do presente do país e do PT. •

* Ex-assessor de imprensa de Celso Daniel e secretário de comunicação de Santo André. Foi assessor de imprensa da Secom da Presidência da República. Formado em jornalismo e história, é doutor em jornalismo pela UnB.

21 de março de 1961

CNBB LANÇA MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

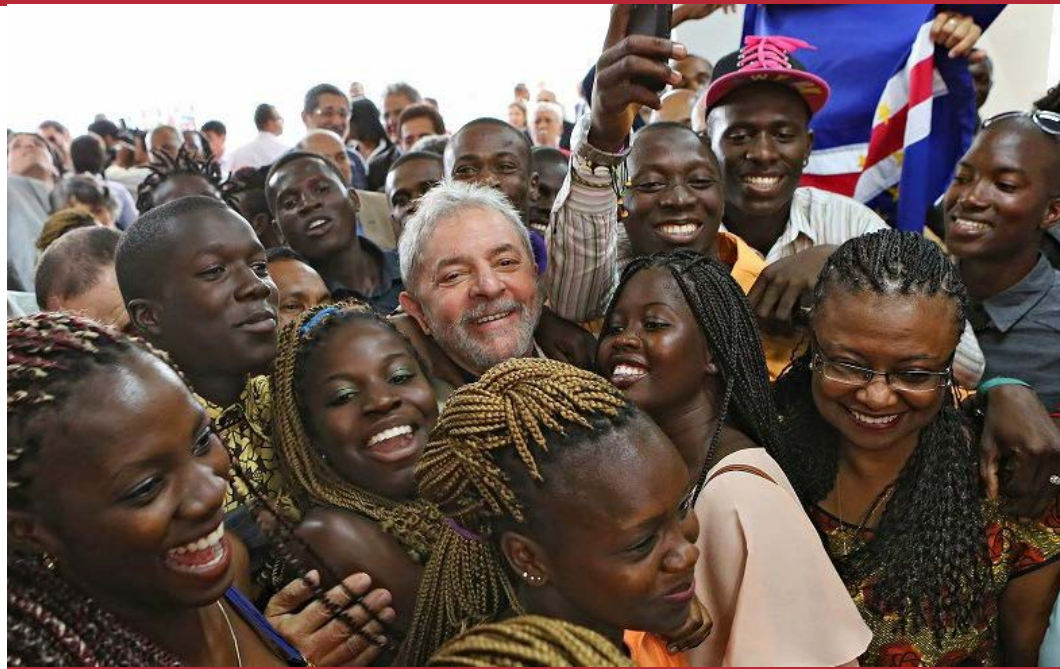
O presidente Jânio Quadros decreta o reconhecimento oficial ao Movimento de Educação de Base (MEB). A ação será financiada principalmente pelo Ministério da Educação e Cultura, com ajuda de outros órgãos governamentais, e gerido pela CNBB, que se responsabilizará também pelas instalações.

Com recursos federais, a Igreja Católica busca reproduzir, em escala nacional, a experiência iniciada em Natal pelo bispo dom Eugênio Sales – a instalação de cadeias de escolas radiofônicas destinadas a levar conhecimentos técnicos agrícolas às sociedades rurais.

Com o MEB, abraçaria a ideia de alfabetização em massa nas regiões subdesenvolvidas do país. Seus objetivos previam também a educação sanitária, a iniciação agrícola e a formação profissional nas regiões rurais. O MEB se constituiria em importante instrumento de atuação da ala progressista da Igreja Católica no campo, atraindo militantes leigos de esquerda.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br memorialdademocracia.com.br



21 de março de 2003

LULA CRIA SECRETARIA DA IGUALDADE RACIAL

Apesar de décadas de movimento organizado, a população negra só foi ver demandas históricas serem atendidas com a chegada de Lula à Presidência da República. Uma das principais reivindicações era a criação de um ministério destinado à promoção da igualdade racial. Em 21 de março de 2003, é criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Por meio da secretaria, a pauta racial se tornou política de Estado, envolvendo desde ações de combate ao racismo até a construção de políticas de ações afirmativas.

Um dos principais avanços

alcançados com a secretaria foi o reconhecimento das negras e dos negros como sujeitos de direitos – na contramão da desumanização promovida pela estrutura racista vigente. No campo institucional, os governos petistas também promoveram avanços importantes, entre os quais se destacam a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas da educação básica, a sanção do Estatuto da Igualdade Racial, a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a lei de cotas raciais e a cooperação com países africanos.

Outras datas históricas

18/03/1871: eclode a Comuna de Paris, uma das mais importantes insurreições populares do século 19.

19/03/1872: Nasce a líder russa e teórica do marxismo Alexandra Mikhaylovna Kollontai.

24/03/1932: Nasce Paul Singer, economista.

24/03/1966: Criado o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) partido de oposição ao regime militar, instuído após a impugna-

ção do Ato Institucional nº 02, que definiu o bipartidarismo. A legenda aglutinou setores de esquerda, do PTB, PDC e PSD.

24/03/1976: Golpe Militar na Argentina.

24/03/2005: Aprovada a Lei de Biossegurança.

18/03/2016: O ministro Gilmar Mendes (STF) suspende nomeação de Lula como ministro da Casa Civil e mantém investigações sobre petista com o juiz Sérgio Moro.

Ricardo Stuckert



19 de março de 2017

INAUGURAÇÃO DA TRANSPOSIÇÃO DO VELHO CHICO

Os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff desembarcam em Monteiro (PB) para a inauguração popular da transposição do São Francisco – o maior legado dos governos petistas na região historicamente castigada pelas secas.

Uma multidão acompanhou os ex-presidentes em 19 de março de 2017, quando finalmente ganhou forma o projeto que se estendia por 477 km, levando água a 12 milhões de pessoas, habitantes de 390 municípios situados nos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte.

A transposição do Velho Chi-

co era estudada já no tempo do Brasil Império. Mas foi só em 2007, durante o segundo governo Lula, que a ideia começou a sair do papel.

“Eles agora dizem que [o projeto] não tem paternidade. Se eles têm vergonha, nós não temos. Nós temos orgulho de dizer: nós somos pai, mãe, irmão, tio, primo e sobrinho da transposição das águas do rio São Francisco”, disse Lula.

Os governos Lula e Dilma foram responsáveis pela execução de 88% das obras do empreendimento. O restante ficou por conta dos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro

20 de março de 2003

EUA INVADEM IRAQUE

Um ano e meio após os atentados de 11 de setembro de 2001, o presidente George W. Bush ordena a invasão ao Iraque, como parte de sua campanha de “guerra ao terror”. A Casa Branca alega nas

Nações Unidas que Saddam Hussein estaria armazenando armas de destruição em massa e financiando ações da Al-Qaeda – acusações nunca comprovadas.

Apesar da campanha mundial contra a guerra e da posição contrária do Conselho de Segurança da ONU, o conflito se arrastou por

mais de oito anos. Segundo estatísticas oficiais, até 2011 a guerra teria custado 170 mil vidas. Relatórios apontam para a morte de mais de 1 milhão. Em dezembro de 2003, Saddam Hussein foi encontrado num buraco que usava como esconderijo. Em 2006, foi condenado à força.

19 de março de 2009

STF CONFIRMA RESERVA RAPOSA SERRA DO SOL

A homologação da terra indígena Raposa Serra do Sol é confirmada pelo Supremo Tribunal Federal em 19 de março de 2009. A sentença encerrou juridicamente a disputa territorial, beneficiando 20 mil indígenas das etnias uapixana, ingaricó, macuxi, patamona e taurepangue.

Situada no noroeste de Roraima, a área de aproximadamente 1,7 milhão de hectares era disputada desde os anos 1970 por indígenas e arroteiros. Só em 1998 as terras foram demarcadas e a posse assegurada aos povos indígenas.

A homologação definitiva viria em abril de 2005, por meio de decreto assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos. Deputados e senadores de Roraima e o governador José de Anchieta Júnior (PSDB) recorreram à Justiça para derrubar a medida, mas foram derrotados no STF. Após a sentença, os arroteiros foram retirados das terras indígenas, num processo encerrado em junho de 2009.



Arte: Olímpio

50 ANOS DO PODEROSO CHEFÃO

A obra genial de Francis Ford Coppola é um marco do cinema americano

Olímpio Cruz Neto

Tela preta. Ao fundo, um violino chora o tema de Nino Rota. “Eu acredito na América”. Esta é a primeira fala do filme “O Poderoso Chefão”, a obra-prima de Francis Ford Coppola, baseada no livro magistral de Mário Puzo. É dita por Amerigo Bonasera, um tipo calvo do alto dos seus 50 e poucos anos, a pedir justiça para sua filha, barbaramente surrada e estuprada por dois homens. Eles saíram livres quando o caso foi para o tribunal.

Bonasera fala direto à câmera, que vai se afastando pouco a pouco, de maneira quase imperceptível. Sua voz é amarga e transparece o rancor de um homem

ferido. Seus olhos estão escondidos pelas sombras. Vê-se as mãos enormes de um homem. E, da penumbra, a cabeça maciça de um homem aparece gradualmente emergindo da escuridão: “Por que você não me procurou antes, por que buscou a polícia e a justiça?” Bonasera sussurra em seu ouvido e então ele está em cena.

Don Corleone. O padrinho. Um homem poderoso, com aparência de um buldogue, o queixo proeminente para frente, um bigodinho saliente sobre a boca, curvada para baixo como num esgar de raiva ou desesperança. Ele coça o queixo com a unha do anular. E responde: “Isso eu não posso fazer”, balançando a cabeça. Passaram-se apenas 3’45” da cena ini-

cial do filme que rompeu barreiras e se tornou uma das obras-primas mais cultuadas da história do cinema mundial, mas você está hipnotizado pela película, a história, a música e a fotografia.

“Chefão” estreou em 15 de março de 1972 nos cinemas americanos. E virou pelo avesso a indústria. É considerado o primeiro blockbuster. Une a magia do cinema, uma história sobre gangsteres e uma crítica à própria América. Ainda assim, ganhou fama. E fez um sucesso estrondoso de público e crítica. É uma aula magistral de como contar uma história – a história da Máfia – de maneira grandiosa e eloquente, como só um italiano saberia fazer.

Curioso, porque Coppola achava que o filme seria um desastre. Ele não queria dirigi-lo, não era a primeira escolha da Paramount – que desejava Sergio Leone – e só topou fazer o filme porque estava devendo 400 mil dólares à Warner Brothers. Ainda assim, assumiu a direção, mas o mérito é mais de George Lucas do que do próprio Coppola. Foi o amigo que insistiu para que ele aceitasse dirigir o filme.

Em Nova York, a estreia foi marcada por uma tempestade de neve que não parecia ser um convite para sair à rua. Ainda mais para ir ao cinema. Ainda assim, as filas davam volta nos quarteirões. O filme estreou em 316 salas de cinema. E foi um arraso. Quando a temporada acabou, “Chefão” tinha arrecadado nada menos que US\$ 86,2 milhões. Só nos EUA.

Para resumir, o filme de Coppola lançou Al Pacino, recolocou Brando num de seus maiores papéis e ainda tem, de quebra, Robert Duvall, Diane Keaton, James Caan e John Cazale. Se você não assistiu, prepare-se. Corra para uma sala de cinema. Pois “Chefão” chega agora às telas de cinema em cópia restaurada e remasterizada em 4K. Filmaço! •

BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos
20

Centro
**Sérgio
Buarque
de Holanda**
Documentação e
Memória Política
Instituído em 2001



**COMITÊ
POPULAR
DE LUTA**



Saiba como criar um comitê
pt.org.br